

154

cadernos de teatro

Não acredito... histórias engraçadas do palco

Glorinha Beutenmüller: 25 anos do método

Cabaré: o nascimento do gênero

Domingos Oliveira: depoimento e peça

CADERNOS DE TEATRO Nº 154

julho, agosto e setembro de 1998

Conselho Editorial: Maria Clara Machado, Candida Rocha Díaz Bordenave, João Bethencourt, Jorge Leão Teixeira, Ronald Fucs, Domingos Oliveira, Geraldo Carneiro.

Redação e Pesquisa d'O TABLADO

Diretor-responsável – JOÃO SÉRGIO MARINHO NUNES

Diretor-executivo – MARIA CLARA MACHADO

Diretor-tesoureiro – EDDY REZENDE NUNES

Conselho Executivo – BERNARDO JABLONSKI

GUIDA VIANNA

RICARDO KOSOVSKI

DINA MOSCOVICI

LIONEL FISCHER

Revisor – MÔNICA MAGNANI MONTE

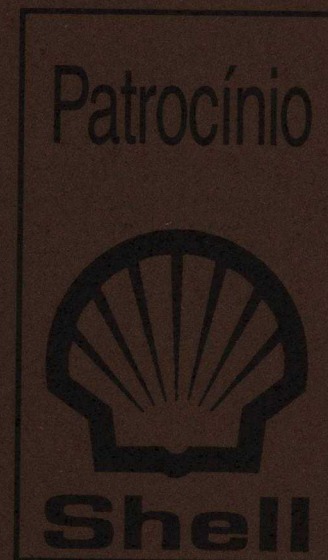
Secretárias – SILVIA FUCS E VANIA V. BORGES

Redação: O TABLADO

Av. Lineu de Paula Machado, 795

Rio de Janeiro – 22.470-040 – Brasil

*Os textos publicados nos CADERNOS DE TEATRO só poderão ser representados mediante autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)
Av. Almirante Barroso, 97, Rio de Janeiro*



MUDANÇAS À VISTA

Este texto está sendo escrito com particular emoção. E esta decorre de uma série de fatos, em especial da quebra de uma promessa. Promessa feita por mim ao assumir, ainda que temporariamente, o cargo de editor dos CADERNOS DE TEATRO. É possível que vocês se lembrem de minha afirmação no editorial do nº 152: “com relação a mudanças, se elas ocorrerem, virão de mansinho. E sempre em função de um consenso”.

Pois bem: o consenso permanece – e nem poderia ser de outra forma, pois um dos pilares desta publicação é justamente a coesão de todos que dela participam. Entretanto, mudanças estão a caminho. E, definitivamente, elas não chegarão de mansinho...

O que aconteceu foi o seguinte: após conversas envolvendo toda a equipe, chegou-se à conclusão de que os CADERNOS DE TEATRO deveriam passar por uma radical reformulação gráfica. Mas nada capaz de conferir à revista ares “modernos”, pois não faria o menor sentido priorizar mirabolâncias visuais em detrimento do conteúdo. Afinal, não custa nada lembrar, trata-se de uma publicação de estudo. Nosso objetivo, portanto, consiste em fazer modificações que em-

belezem a revista e ao mesmo tempo contribuam para tornar sua leitura ainda mais agradável.

Mas uma mudança desta natureza implica numa série de ajustes, e só deveremos estreitar o novo formato no próximo número – ou no máximo, no primeiro exemplar do ano que vem.

Entretanto, este nº 154 já apresenta uma novidade: a coluna *Não acredito....* Ela contará histórias engraçadas envolvendo personalidades – nacionais e estrangeiras, do presente ou do passado – ligadas às artes cênicas. As que selecionamos para esta edição foram, em sua maioria, extraídas do excelente livro *O teatro visto por dentro e visto por fora*, de Olavo de Barros, que recomendamos com entusiasmo. Aliás, se você quiser colaborar com a coluna, é só nos enviar a sua história – o endereço do TABLADO está aí ao lado. Só não vale inventar, ok?

Um ótimo 154 para todos nós!

Lionel Fischer

Índice

Cabaré	3
Não Acredito	5
Texto Para Estudo	7
Glorinha Beutenmüller	8
Sábato Magaldi	12
Domingos Oliveira	14
Do Fundo do Lago Escuro	16
Textos à Disposição	47

CABARÉ

Origem e trajetória do gênero

LAWRENCE SENELIK

A palavra **cabaré** tem sua origem no espanhol (*cabaretta* ou casa de diversões). Posteriormente, foi incorporada pelo francês (*cabaret* ou taverna). O gênero **Cabaré** indica um espetáculo de entretenimento em pequena escala, por vezes improvisado, no qual são apresentadas canções, esquetes, sátiras e discursos, cujo teor costuma ser um comentário sobre as condições sociais, políticas ou artísticas. Um acontecimento estritamente urbano, o cabaré surgiu como uma forma de diversão pioneira para uma audiência seleta, passando a ser apresentada, posteriormente, para um público mais amplo.

Em 1878, Emile Goudeau fundou um clube no Le Sherry Cobbler, em Paris, onde poetas liam suas próprias produções. Foi, porém, o Chat Noir (nome tirado do conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe) que deu origem ao termo genérico “cabaré artístico” a programas apresentados em cafés e bares. Ele foi fundado em 1881 pelo pintor Rudolphe Salis, que lhe deu o nome de cabaré porque as canções e esquetes se sucediam como os pratos de um menu. O local que ocupava em Montmartre – com 60 lugares e projetado em estilo Luís XIII – era palco não somente de leitura de poesia nas noites de sexta-feira, bem como de complexos jogos de sombra, para os quais renomados artistas escreviam os textos e elaboravam os projetos, além de fazerem o acompanhamento musical. Quando o Chat Noir mudou-se para um prédio novo e elegante em 1885, a sua sede antiga abrigou o Le Mirliton, de Aristide Bruant, um dos muitos cabarés de

Montmartre por ele inspirados. A atmosfera acolhedora permitiu que muitos artistas, como Yvette Guilbert, desenvolvessem uma forma nova e sutil de atuação e tratassem de assuntos naturalistas.

Exibicionismo

Na Alemanha, o primeiro verdadeiro cabaré foi o Überbrettl (Superpalquinho¹), criado pelo barão Ernst von Wolzogen e Otto Julius Bierbaum, em 1901, para oferecer uma forma mais elevada de espetáculo de variedades. O seu afetado exibicionismo artístico levou Alfred Kerr a criticá-lo por desprezo à arte. No mesmo ano, o jovem Max Reinhardt e atores do Deutsches Theater inauguravam o Schall und Rauch (Barulho e Fumaça) de Berlim, e Frank Wedeking cantava ao violão seus poemas macabros no Elf Scharfrichter (Onze Carrascos). Os escritores e artistas vinculados ao jornal satírico *Simplicissimus* apresentavam-se no cabaré homônimo de Kathi Kobus, em Munique. Esses cabarés artísticos misturavam baladas, canções, peças em um ato, dança, teatro de marionetes e música instrumental em um programa cuja coesão era mantida por um mestre de cerimônias. O objetivo primordial era divertir e difundir novas tendências literárias.

Propostas semelhantes eram apresentadas no Els Quatre Gats (Os Quatro Gatos), em Barcelona e no Zielony Balonik (O Balão Verde), na Cracóvia, nascidas de encontros de pintores. Na Rússia, as associações eram mais ligadas ao teatro. O Letuchaya Mysh (O Morcego) foi criado por Nikita Baliev a partir das hilariantes Festas do Repolho promovidas pelo Teatro de Arte de Moscou, e rapidamente transformou-se em um teatro em miniatura apresentando peças e cenas ba-

1 O termo “superpalquinho” foi inspirado no “super-homem” de Nietzsche.

seadas na literatura clássica russa e no folclore. Após a revolução, tornou-se mundialmente famoso como Le Chauve-Souris. O Krivoe Zerkalo (O Espelho Curvo), fundado em 1908, em São Petersburgo, era, sob a direção de Nikolai Evreinov, uma casa que se destacava pela paródia e formas experimentais, tais como o melodrama. O mais literário dentre esses cabarés era o Brodyachaya Sobaka (O Cão Vadio, 1913-15), refúgio de futuristas. Ele foi sucedido pelo Prival Komediantov (Repouso dos Comediantes, 1916-19), um teatro aconchegante que tinha na presidência Vsevolod Meyerhold.

Dissidência

O mais radical desses parques de diversão artísticos foi o Cabaret Voltaire, em Zurique (1916-17), onde Hans Arp e Tristan Tzara deram os primeiros passos do dadaísmo, que não demoraria a expandir-se como um movimento artístico independente. Após a primeira Guerra-Mundial, os cabarés alemães, especialmente em Berlim, tornaram-se mais políticos, solo fértil para a dissidência. Podem ser citados: Wilde Bühne (Palco Selvagem, 1921), de Trude Hesterberg; Kabarett der Komiker (Cabaré do Comediante, 1924); o antifacista Katakombe (Catacumbas, 1929), de Werner Finck; e Tingel-Tangel (1930), de Friederich Hollaender. Antes de 1935, os nazistas baniram os cabarés e alguns artistas, como Finck, foram mandados para campos de concentração; outros emigraram e mantiveram cabarés itinerantes, como o Pfeffer-Mühle (Moinho de Pimenta), de Klaus e Erika Mann e The-rese Giehse (1933).

O cabaré pós-guerra na Alemanha, tanto oriental como ocidental, esforçou-se para renovar sua atividade política. Havia uma tendência que visava programas cuidadosamente estruturados e encenação precisa no Schaubude (Palco de Curiosidades), de Munique; Komödchen (A pequena

Comédia), de Düsseldorf; e Die Lach und Schiessgesellschaft (A Sociedade do Riso e do Tiro), de Munique. Eles, porém, bem como o Stachelschweine (Porco-espinho, fundado em 1949), de Berlim Ocidental, tiveram dificuldades em competir com a televisão. Já os cabarés de Berlim Oriental tiveram que direcionar sua sátira exclusivamente para alvos internacionais. Em tempos de agitação política, eles se revelaram menos mordazes do que o teatro de rua e os grupos *agit-prop*.

Improvisação

No mundo de língua inglesa, os cabarés foram equiparados a clubes noturnos até os anos 60, quando o Second City (Segunda Cidade), de Chicago, deu ênfase à improvisação e elaborou esquetes diante do público. Ele deu origem a uma grande quantidade de imitações, como The Premise (O Local), de São Francisco, e The proposition (A Proposta), de Boston, ambos organizados por grupos estudantis. Após a temporada de grande sucesso da peça de teatro de revista *Beyond the fringe*, The Establishment (O Estabelecimento, 1961), um clube noturno londrino, procurou manter o ar irreverente.

Tendências recentes incluem os clubes de comédia, nos quais artistas inexperientes se apresentam perante um público pouco exigente por um cachê reduzido – este fenômeno já havia sido previsto no Cabaré dos Anônimos, em Berlim, em 1926, onde amadores faziam papel de bobos. A natureza casual do empreendimento contrasta com as intenções programáticas do cabaré artístico. Mais de acordo com a tradição de vanguarda foi o Vaudeville da Nova Onda, uma mistura musical maluca originária do *rock punk*.

* Este artigo foi extraído de *The Cambridge Guide to World Theatre*, 1988. Tradução de Patrícia B. Lehman

* * *

NÃO ACREDITO...

QUE PÉS!

A atriz Inês Gomes, dona de enormíssimos pés, encontrou uma noite em seu camarim do Teatro Variedades, no Rio de Janeiro, um cartão com esta divertida quadrinha, atribuída ao poeta Emílio de Meneses:

“Quando ao teatro, diligente
Inês chega, eu penso assim:
Já os pés forçosamente
Estão dentro do camarim”.

HORÁRIOS

Uma peça de Bernard Shaw estava para estrear em Nova Iorque. Foi então que o produtor verificou que ela era demasiadamente longa e não permitiria que os espectadores apanhassem os últimos transportes coletivos, depois de terminado o espetáculo. Telegrafou, então, ao autor:

“Favor autorizar cortes na peça. Horários transportes coletivos obriga-nos representar peças mais curtas”.

Shaw respondeu, sem demora:

“Nenhum corte será admitido. Faça mudar horários transportes”.

RISCO

O mesmo Bernard Shaw teve um diálogo hilariante com a bailarina Isadora Duncan. Ela lhe propôs terem um filho, sob a argumentação de que o resultado haveria de ser fantástico: uma pessoa com o seu corpo e a inteligência de Shaw. Mas o dramaturgo declinou do convite por considerá-lo muito arriscado:

“Já pensou, minha senhora, se a tal criança nasce com o meu corpo e a sua inteligência?”

DORMIA

Na Comédie Française, em Paris, representava-se uma das peças de maior sucesso de Musset: *Um capricho*. Durante todo o espetáculo, em uma frisa, havia um senhor que dormia profundamente e, mais do que isso, roncava. Alguns espectadores irritaram-se com o fato e pediram providências contra o importuno. Mas não foi possível despertá-lo. O pobre dormia como um justo.

Por fim, terminou o espetáculo e o público delirante pedia a presença do autor em cena. Com o ruído ensurdecedor dos aplausos, o dorminhoco despertou e, percebendo do que se tratava, levantou-se e foi agradecer ao público.

Era o próprio Musset.

PODE SER

Em Berlim, durante uma representação do *Ricardo III*, de Shakespeare, o famoso ator Davison exclama na cena da batalha:

– Um cavalo! Todo o meu reino por um cavalo!

Um espectador, dado a fazer graça, grita para o palco:

– E um burro...não serve?

– Também pode ser. Faça o favor de vir ...– replicou Davison.

ESTRÉIA

Tristan Bernard chegou a uma estréia teatral com alguns minutos de atraso. Tendo encontrado o autor da peça passeando, nervosamente, no hall do teatro, este pediu-lhe, em voz trêmula:

– Por favor, mestre, não faça barulho ao entrar na platéia. Entre bem devagarinho.

– Ah! -, disse o célebre humorista. – Então os espectadores já estão dormindo!?

OBSCENAS

Excelente atriz de opereta e revista, Margarida Max pediu ao maestro Sílvio Piergille, diretor artístico do Teatro Municipal, que a deixasse cantar ali a *Tosca*, de Puccini.

– Não, dona Margarida. Eu não posso permitir palavras obscenas neste teatro.

A artista olhou espantada para o maestro e comentou:

– Mas, maestro Piergille, eu não digo palavras obscenas!?

– Eu sei, minha cara senhora. Mas vai dizê-las o público quando a ouvir cantar...

PALAVRAS DIFÍCIES

Marcel Achard havia dado a ler uma de suas peças a René Dupuy, diretor artístico do Teatro Gramont, de Paris.

– Realmente, meu caro Achard, não é nada má, embora haja muito o que corrigir. Seu texto é demasiado denso, carregado de palavras difíceis... É necessário que todos os espectadores, até os mais imbecis, possam compreender.

– Não há dúvida – respondeu Achard – mais isto tem remédio, e para não perdermos tempo diga-me quais são as palavras difíceis que você não compreendeu.

TEXTO PARA ESTUDO

MARIA

Tudo que eu queria, disse o homem que bebia, era um dia ter Maria
Não a sua mãe ou a sua tia ou seu pai, que bizzarria
Nem a sua irmã Lia, a que não fala, só mia
Nem o irmão com mania de atribuir tudo à CIA
Maria que não podia sair sem avisar onde ia
Maria que me dizia que por mim, meu Deus, ardia
Maria, minha agonia...Nem beijar eu conseguia
Pois a notícia sairia no jornal do outro dia!
Juro que eu não queria tanta pompa e honraria
Noivado com ambrosia, ouvir a zombaria 'tem que casar e ter cria'
Só o que eu pretendia era, simplesmente, Maria
Não o curso na sacristia como se nenhum casal saberia
O que fazer sem um guia!
Não a papelaria carimbada em cada via
Quanta burocracia só pra dormir com Maria!
Não a igreja que fervia enquanto o padre se perdia na homilia
Não a festa, porcaria, champagne quente, comida fria
E um bolo que quase caía
Não o lugar na companhia porque o pai dela pedia
Carro usado sem garantia. Filhos na escola (que sangria!)

Domingos na churrascaria. E uma mulher de fogão e pia
Que diz se chamar Maria
Mas não é a que eu conhecia.
Maria, a que ardia. É por isso que, não ria,
Se me encontrarem um dia num motel com uma Bia
Ou uma Beti, ou Sofia, não é luxúria vazia
Ou mera patifaria. É nostalgia
Me deram o que eu não previa.
Um lar, uma biografia, quando tudo que eu queria
Era um dia ter Maria”

Luis Fernando Veríssimo

Sugestão para estudo:

O delicioso texto de Veríssimo impõe uma óbvia dificuldade: torná-lo natural, como se não fosse constituído por idênticas terminações de frase. Ou seja: está sendo contada uma história (como outra qualquer) que tem que chegar ao espectador com verdade. O intérprete deve seguir o caminho habitual, valorizando as passagens que julga mais significativas, trabalhando as pausas, variando o ritmo, enfim, atuando como se tudo ocorresse dentro de um contexto normal. Se vencidas as muitas dificuldades que este tipo de construção oferece, terá sido feito um ótimo estudo.

GLORINHA,

O PRONTO-SOCORRO VOCAL

Tudo começou há 25 anos, quando Glória Beutenmüller criou o *Método Espaço Direcional Beutenmüller*. Inventivo e revolucionário, ele mudou radicalmente a forma de se encarar os problemas relacionados à voz. Autora de vários livros, Glorinha – como é conhecida por todos – dirige o Espaço Direcional Comunicações, onde são ministrados cursos para fonoaudiólogos, jornalistas, atores, políticos e executivos. (Ver box)

Em entrevista exclusiva aos CADERNOS DE TEATRO, Glorinha fala de sua vida, de sua trajetória profissional e mostra como costuma agir diante dos variados apelos que recebe. E publicamos também o depoimento de um dos alunos mais constantes e famosos da mestra: o ator, diretor, autor e produtor Sérgio Britto.

* * *

Cadernos de Teatro – Você é considerada a melhor professora de voz do Rio e seus livros são uma referência obrigatória quando se fala num método de orientação vocal. Você poderia nos falar um pouco sobre seus livros?

Glória Beutenmüller – Meus livros são *Expressão vocal e expressão corporal*, em parceria com Nelly Laport, bem antigo; meu último é *O despertar da comunicação vocal*; tenho. *O re-equilíbrio da musculatura oro-facial*, para as correções odonto-faciais, que eu fiz com minha filha Vania Beutenmüller, e *A gagueira tem solução?*, ainda inédito, que pretendo lançar este ano. Eu me interesso muito pelos problemas da gagueira.

CT – Por quê?

GB – De uma maneira geral, o gago só existe nas classes sociais mais altas. Raramente conhecemos um gago pobre, porque a gagueira está associada a cobranças que as famílias burguesas fazem aos seus filhos. Nas tribos indígenas não existe um vocábulo que signifique gagueira, porque esse é um problema que não existe entre os índios. A gagueira é um problema social. Além disso, muitos deficientes visuais têm problemas de gagueira, porque em todo tipo de comunicação é preciso olhar, ver e enxergar. Então, se você não tiver direção, você gagueja. Em geral, o gago não olha para as pessoas, ele olha para os objetos.

CT – Como surgiu o seu método?

GB – Ele foi extraído de meu trabalho com os cegos, aqui no Rio. Para sintetizá-lo, diria que consiste no seguinte: Espaço >Visão; Visão> Tato à distância. Ou seja, devemos tocar sonoramente as pessoas por meio de um abraço sonoro. Impostação de voz é assumir vocalmente o que se quer dizer, pela imagem das palavras, em sua essência. Essa é a síntese do método.

CT – Como ele se aplica à interpretação?

GB – Veja bem: os deficientes visuais têm tato, mas não têm visão. O tato não é “gestaltista”, mas a visão é “gestaltista”. Então, a palavra é como uma escultura sonora. Para a interpretação, tem que se ter uma imagem do corpo de onde você tem que extrair o som. E para isso, é preciso muita capacidade de observação, porque nós falamos com o corpo inteiro. Por exemplo, o movimento dos pés: se você não der o andar correto de um personagem, você não consegue interpretá-lo. Isto também ocorre com as mãos. Já a fisionomia diz mais que uma inflexão de palavra. É numa fisionomia maleável que você vai encontrar a justa modulação da palavra.

CT – No livro *Expressão vocal e expressão corporal* existem muitos exercícios. Seus livros são sempre assim, eminentemente práticos?

GB – Sim, os livros trazem muitos exercícios, porque não adianta ter só a parte de anatomia. Como meu método é bem tátil, todos os sentidos têm que se desenvolver. Na fonética, por exemplo, você tem que sentir cada consoante, o impacto produzido na cavidade da boca. Normalmente, as pessoas querem ouvir, mas não querem sentir. Mas tem que ouvir e sentir. Do contrário, o resultado não virá nunca.

CT – Os atores costumam ter a paciência necessária para um estudo como este?

GB – Hoje em dia, os atores estão mais preocupados em desenvolver a musculatura e dão pouco valor à voz. Mas no dia em que começam a ficar roucos e a perder a voz, aí eles vão correndo atrás de um terapeuta.

CT – É verdade que você tem muitos apelidos?

GB – Não sei se muitos, mas a Fernanda Montenegro costuma se referir a mim como “a parteira e a salvadora de todos os artistas”. Já o Ítalo Rossi me batizou de “pronto-socorro vocal dos artistas”.

CT – O que a levou a essa profissão?

GB – Meu pai era fiscal de imposto de consumo e nós viajavamos muito. Eu nasci aqui no Rio, mas fui criada no Rio Grande do Sul, em São Paulo, em vários lugares, em colônias alemãs, italianas, japonesas, etc. Quando eu cheguei aqui de volta, ninguém entendia direito o que eu falava....(Risos). Aprendi violino na Escola de Música e logo me interessei pelas aulas de dicção para canto. Quando dei por mim, estava ensinando a arte de dizer. Então, apareceu em minha casa uma professora, cega de nascença, me pedindo para ensiná-la a fazer um discurso. Ela me disse: “Não me explique o que eu vejo, o que é o sol, porque eu sinto o calor; me explique a lua, que eu não posso ver”. Então, eu comecei

a compreender que para o cego “ver” ele se utiliza da pele, da sensação de tato.

CT – E deu para explicar o que era a lua?

GB – Respondi que a lua era morna, que inspirava os namorados. Mas isso ainda não era suficiente. Então eu comecei a fazer coisas do tipo: eu dizia *respingo* e respingava água no braço dela. Aí me dei conta de que a palavra tem imagem, contornos, não é uma coisa linear. Assim foi começando a surgir o meu método.

CT – E o discurso dela?

GB – Fez tanto sucesso no Benjamin Constant que o diretor do instituto mandou me chamar: outros cegos queriam aprender a falar. Eu havia feito o primeiro curso de foniatria realizado no Brasil, na ABBR, onde foram ministradas aulas de anatomia, fisiologia da voz, endocrinologia, etc. Então, a partir desses conhecimentos, comecei a adaptá-los para a problemática dos cegos.

CD – De que forma?

GB – Uma das experiências mais interessantes foi a direção que fiz de um coro falado e movimentado, em que nenhum cego esbarrava no outro. Ficou tão bom que apresentei este espetáculo na Maison de France e no dia seguinte apareceu na primeira página de todos os jornais: “Os cegos vendo!”. A partir daí, meu trabalho começou a ficar conhecido e eu passei a ser chamada por atores e atrizes que, por razões que eles ignoravam, de repente perdiam suas vozes. Depois iniciei as aulas, usando meu método, na Escola de Teatro da UNIRIO.

CD – Você registrou seu método?

GB – Fiz isso em 1972, apesar de ele ter realmente começado em 1960-61. Hoje em dia ele é adotado na CAL, na Martins Pena, na UNIRIO e em escolas de vários estados do Brasil.

CT – Qual é a importância da percepção em seu método?

GB – Percepção é tudo! Mas sempre aliada ao conhecimento científico. Como eu sempre digo, papel carbono suja as mãos. Quer dizer, meu método não pode ser passado como uma receita de bolo. As pessoas têm que ter conhecimento prévio para poder aplicá-lo e ensiná-lo. Para cada caso existe um exercício específico e saber qual o correto, para cada pessoa, em cada momento, somente com muito estudo e dedicação. A observação e a convivência com o aluno são fundamentais.

CT – Sua técnica foi totalmente inovadora e revolucionária?

GB – Acho que fui a primeira pessoa no mundo a sustentar que devemos falar com o corpo inteiro; que a palavra não é morta, é viva, a partir de uma noção de passado, presente e futuro. Assim, quando direcionamos nossa voz no espaço, não podemos dar a mesma intensidade ao passado que daríamos ao presente.

CT – Quando se diz que uma pessoa tem uma ótima voz, o que isso quer dizer?

GB – Eu nunca digo isso. Como voz é emoção, você pode estar hoje ótimo e amanhã não. Eu não penso nem em voz bonita. Voz bonita é uma dádiva de Deus. Nós nascemos com a nossa voz e suas características podem ou não ser desenvolvidas. E morreremos com ela, com as mesmas características.

CT – Todas as vozes podem ser belas?

GB – Sem dúvida. Mas convém definir o belo. O que é? É o sentido da estética. E a estética é a ciência do belo, da verdade. Para possuímos uma voz bonita, é preciso cultivá-la. E o que eu faço é ensinar as pessoas a cultivar as suas vozes. Tento mostrar a necessidade de exercitar a voz, não mecanicamente e sim no sentido da essência, da estética, da verdade, da beleza. O grande matemático Pitágoras costumava dizer que “a voz é o eco da alma”. O sentimento é vital para que

haja um arredondamento da voz. Não existe nenhum fruto quadrado. E isso também se aplica à voz.

CT – As pessoas que a procuram têm sempre uma queixa específica?

GB – Alguns atores me procuram com medo de perder a voz durante um espetáculo. Outros para que eu lhes ajude a formar uma imagem da palavra. Mas problemas mais comuns são pólipos, nódulos e outros, com indicação cirúrgica, mas que muitas vezes podem ser corrigidos com exercícios.

CT – Os chamados problemas de voz podem ter várias causas. Fatores psicológicos contribuem muito para afetar a voz?

GB – Os problemas podem ser de origem orgânica, mecânica, neurológica, psicológicas, enfim...

CT – Dizem que você é tão psicóloga quanto fonoaudióloga. Quando você percebe que um aluno está com problema emocionais que estão afetando a sua voz, você conversa com ele sobre isso? Existe este tipo de abertura?

GB – Bom, a gente deve sentir a pessoa como um todo. Ela não precisa me dizer qual é o seu problema e eu não procuro interferir no problema que a faz falar de uma certa maneira. Procuro, isto sim, interferir precisamente na maneira como a pessoa fala, na sua essência.

CT – Existe um momento em que um ator pode parar de fazer aula de voz? Ou ele deve sempre se exercitar, como um bailarino ou um instrumentista?

GB – Ele tem que praticar sempre. Os exercícios vão depender da demanda que ele tenha para a voz. É como um pianista, que pode tocar Mozart ou música popular.

CT – Um ator, um locutor e um político passam pelas mesmas etapas de aprendizado, ou cada uma dessas atividades pressupõe um trabalho diferenciado?

GB – Cada caso é um caso, mas a base é a mesma para todos.

CT – Você já salvou inúmeros atores que perderam a voz horas antes de uma estréia. Pode nos contar o caso mais curioso neste sentido?

GB – Poderia citar vários, como de atores e atrizes de outros estados que às vezes eu tenho que atender pelo telefone. Isso é o mais difícil. Neste fim de semana, por exemplo, o Sérgio Britto me chamou para uma emergência, porque ele estava ficando rouco. Era apenas um problema de finalização das frases, que ele estava acentuando errado. O problema foi logo resolvido. De um modo geral, nesses casos o que está errado é a coreografia da voz.

* * *

‘É PRECISO OLHAR OS OUTROS EM CENA!’

Eu achava que era um ator generoso – pelo menos sempre tentava ser. Achava que contracenava bem com meus colegas, dando meu olhar, meu interesse ao que me diziam e respondendo a isso, com a maior abertura, a maior entrega. Até que um dia, em 1971, a Glorinha me assistiu fazendo *O marido vai à caça* e depois do espetáculo comentou com a Jacqueline Laurence: “Que pena! Bom ator, mas com a voz totalmente estragada!”. Telefonei para ela e marcamos um encontro. Então, ela me disse: “Você precisa olhar os outros atores em cena”. “Eu não faço isso?”, perguntei. “Não. E a voz não é nada mais que a entrega de sua palavra aos outros. A voz tem direção. Se você não olha quando fala, dirige sua voz para ninguém e aí enrouquece”, respondeu ela.

Começou assim meu aprendizado. Com a Glorinha, eu aprendi a superar as deficiências de minhas cordas vocais, seriamente comprometidas pelos anos em que eu fumei – cheguei a fumar cinco maços por dia na época em que dirigia novelas na TV Excelsior. Ela inventava exercícios, criando

sempre coisas novas, nunca me deixando mecanizado. E fomos parceiros em cursos de teatro na CAL e no Teatro dos Quatro, sempre aproveitando para trocar idéias sobre voz, respiração e “gestalt”, que fazem parte das aulas da Glorinha e que hoje resumem, de certo modo, a parte teórica e prática dos cursos que ministro. E para finalizar, gostaria de dizer que, de todas as pessoas com quem convivi na minha profissão, Glorinha Beuttenmüller é a que realmente me deu material para continuar experimentando, nos meus caminhos de ator e diretor.

Sérgio Britto

– ESPAÇO DIRECIONAL COMUNICAÇÕES –

Cursos oferecidos:

- **Dislexia** (exclusivo para fonoaudiólogos)
 - **Disfonia infantil** (exclusivo para fonoaudiólogos)
 - **Reequilíbrio da musculatura oro-facial** (exclusivo para fonoaudiólogos)
 - **A gagueira tem solução?** (exclusivo para fonoaudiólogos)
 - **Voz e fala na comunicação** (dicção e impostação de voz)
 - **Voz e fala no jornalismo** (rádio e televisão)
 - **Voz e fala para telemarketing** (exclusivo para operadores de telefone)
 - **Coreografia sonora do texto – Workshop** (exclusivo para atores)
 - **Reciclando no tempo** (Exclusivo para executivos)
- * O Espaço Direcional Comunicações fica na Rua Guapiara 27, Tijuca, Rio de Janeiro.

CEP 20521-180. Telefax: 021 – 2546659

DO FUNDO DO LAGO ESCURO OU ASSUNTO DE FAMÍLIA

A peça que dá título a este artigo foi encenada em 80 e deu a Domingos Oliveira o Prêmio Molière de Melhor Autor e o 1º prêmio de Comédia do Concurso de Dramaturgia do Inacem – esta segunda premiação não deixa de ser curiosa, pois a peça é obviamente um drama. Seja como for, e antes que o leitor possa usufruir a enorme qualidade dramática do texto, os CADERNOS expõem duas opiniões fundamentais a respeito da obra: a do crítico Sábato Magaldi e a do próprio Domingos.

* * *

Domingos Oliveira não esconde que *Assunto de família* (*Do fundo do lago escuro*) seja uma peça sobre a sua infância. Antes de lançar-se à máquina de escrever, releu *Longa jornada noite adentro*, de O'Neill, a mais pungente e admirável autobiografia da História do Teatro. Ele fez bem em enfrentar o difícil tema e em escolher o grande modelo: resultou uma das mais sensíveis e reveladoras obras do nosso repertório moderno.

Nessa busca do tempo perdido, Domingos utilizou todos os recursos à sua disposição. A reconstrução da memória deu um toque de inconfundível verdade ao diálogo. Nada é posticho, fabricado ou dispensável. Está-se diante de um mundo fechado, um núcleo que se basta na sua unidade. E, no entanto, essa família retrata toda uma realidade brasileira – econômica, social, psicológica, sexual e política.

A nostalgia não envolve os episódios em atmosfera poética esgarçada. Cabe afirmar, ao contrário, que o autor prefere a dureza, o jogo dramático rude, o desmascaramento da aparência exterior, senão bonita, ao menos ordenada. Enquanto a família robustece seu ardor cívico ouvindo os inflamados discursos de Carlos Lacerda, nos idos dos anos 50, pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas, seus valores internos desabam e se sente que desaparece um mundo.

Domingos não chega a mostrar-se impiedoso, porque seu feito não admite o ressentimento. *Assunto de família* é, antes, um exercício de desnudamento. Deve ter-lhe doído recriar tantos fantasmas, mas o texto não permanece na confissão pessoal, nem vê a realidade a partir do próprio umbigo. A soma de experiências vividas dá às histórias um sabor de verdade. E se abre para o depoimento sobre uma época, fornecendo uma visão clara de uma parcela expressiva do Brasil, a partir do retrato de uma família carioca abastada.

A permanência da casa em Botafogo como cenário, quando os edifícios de apartamentos já dominavam a paisagem do Rio, situa financeiramente a família, sustentada pela locação de imóveis deixados por seu chefe, morto há quatro anos. Aliás, significativamente a peça se passa no dia em que se comemora o aniversário do falecimento, com a ida ao cemitério. Quem herdou o poder foi a viúva, d. Mocinha, que gere a casa de acordo com seus princípios, submetendo toda a família à sua vontade superior.

O dramaturgo, dentro de estrita verossimilhança, concentra a ação num só dia, em três atos, e se supõe a continuidade natural do tempo. Os intervalos, assim (no espetáculo há apenas um), se destinam ao repouso do espectador, sem servir para separar os acontecimentos. Os móveis da ação têm tanta

credibilidade que os episódios escorrem, bem concebidos e encadeados.

Assunto de família reúne dois protagonistas: o menino Rodrigo e sua avó materna Dona Mocinha – ao menos como foco preferido pelo autor. Rodrigo procura a cadela Kitty (que se saberá ter morrido, enquanto a família foi ao cemitério), tem uma aula particular, dialoga com todos, recebe a visita do primo Ricardo.

Dona Mocinha é autoritária, cultua a memória do marido (mesmo sabendo de suas aventuras extraconjugais), mostra um profundo conhecimento dos homens, joga cartas para distrair-se e cumpre deliciada o ritual de ouvir as catilinárias de Lacerda contra o regime Vargas. Vinda de um passado de fartura, ela nem percebe que os aluguéis recolhidos são insuficientes para as despesas até o final do mês, embora a argúcia a faça descobrir um abuso de confiança do genro e procurador Henrique, pai de Rodrigo.

Conceição, mãe de Rodrigo, submete-se à autoridade de Dona Mocinha e ocupa o pequeno espaço que lhe resta com exigências severas aos empregados. Henrique, descoberta a venda não autorizada de dois imóveis no Andaraí, refugia-se em aparente dignidade e acaba por ceder à proposta de conciliação, que salvaria o orgulho ferido.

Participam ainda desse álbum de família Orlando, filho de Dona Mocinha, o típico malgrado que se afoga em bebida e retira por antecipação o que lhe caberia da herança; Pinheiro, quase um agregado da família, presença obrigatória no jogo doméstico; Adalgisa, a simpática professora particular de Rodrigo; e dois empregados – o jardineiro Manoel e a arrumadeira Iracema, envolvidos entre si e com os meninos.

A peça poderia, de um certo ângulo, ser vista como um quadro de decadência familiar, mais um decantado requiém

da classe burguesa, o que a aproxima do Tchecov de *Três irmãs* e de *O jardim das cerejeiras*. De outro lado, Domingos pontua a fraqueza moral de Henrique com outras marcas da decadência de costumes.

Não é mera coincidência que, naqueles anos, diante do temor que tem Conceição de engravidar, Henrique a sodomize. E os últimos diálogos se travam entre Ricardo e Rodrigo: sugere-se claramente que o primeiro leva o segundo ao galpão com o objetivo também de sodomizá-lo, como já havia proposto. Esse o pano de fundo que aguarda a voz de Lacerda, no pronunciamento das nove horas da noite.

A partir de dados tão amargos, *Assunto de família* se afasta de qualquer possível parentesco tchecoviano. A “reconciliação” do casal adulto, sob o olhar complacente da matriarca, fortalece o vínculo familiar, mesmo se debaixo de um acordo hipócrita. A cena com os meninos revela um quadro constrangedor, quando a tradição apregoada da família é de um machismo triunfante. Nada disso tem importância: sob a tutela lacerdista, Dona Mocinha e os seus ultrapassarão o mar de lama que existia à volta do antigo ditador, e sabe-se que outras lutas políticas vão delinear-se no horizonte.

A decadência, no caso, não implica o desaparecimento de uma classe, como ocorre na dramaturgia de Tchecov. Sem proselitismo e sem ideologia expressa de nenhum tipo, Domingos Oliveira mostra que a falta de escrúpulos talvez contribua para o enriquecimento familiar. Afinal, Henrique vendeu os imóveis do Andaraí e adquiriu terrenos no então longínquo Leblon. Se ele conseguisse regularizar os títulos de propriedade, sem dúvida teria feito um ótimo negócio...O texto, sem desejá-lo, é irônico e cruel.

Com o título *Do fundo do lago escuro*, a peça foi considerada o Melhor Texto de Comédia do IX Concurso de Dramaturgia – Prêmio Serviço Nacional de Teatro/1977. No programa do espetáculo, o autor discute o problema: “O texto tinha ganho o prêmio de melhor comédia, embora fosse obviamente um drama. Isto se deveu, segundo informações internas, ao fato de não poder dar o prêmio de drama a uma peça que não fosse diretamente ‘política’ etc. Enfim, esta besteira conhecida de todos. Quando comecei a ler a peça, porém, verifiquei que realmente aquilo era engraçado. Eu estava muito emocionado e quanto mais me emocionava, por algum caminho estranho, mais engraçadas ficavam certas frases da peça”.

O gênero dependerá, certamente, da linha atribuída pelo encenador ao espetáculo. Voltando a Tchecov: ele considerava comédias suas peças, enquanto Stanislavski as montava como dramas, no Teatro de Arte de Moscou. Fernanda Montenegro lembra que *Assunto de família* “é uma comédia, no sentido clássico”. E acrescenta que é tênue o limite entre os gêneros, e assim se poderia classificá-la como comédia dramática ou drama cômico: “O processo da vida burguesa é um processo tragicômico. É trágico para quem o vive, e cômico para quem o assiste”.

A tônica do gênero não é fundamental para definir o texto. Importa observar que Domingos Oliveira soube estruturá-lo com mão firme, dando à sucessão de acontecimentos o caráter de inexorabilidade. Ficcionista poderoso, ele fixa com rigor um microcosmo. Que remete ao macrocosmo da vida do Brasil. Uma das obras que melhor desvendam o caráter das nossas classes dirigentes.

Sábato Magaldi

* Nascido em Belo Horizonte, em 1927, Sábato Magaldi foi crítico teatral de vários jornais e revistas. Professor titular de Teatro Brasileiro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, lecionou durante quatro anos nas Universidades de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e de Provence, em Aix-en-Provence. É membro da Academia Brasileira de Letras e autor de vários volumes dedicados ao teatro, como *Panorama do teatro brasileiro* (Global Editora, 1997) e *Moderna dramaturgia brasileira* (Perspectiva, 1998, São Paulo) – deste último foi extraído o artigo acima.

* * *

Do fundo do lago escuro é provavelmente meu melhor trabalho até agora. Suspeito que se trata de uma maravilhosa peça, que sobreviverá muitos anos além de mim. Nunca tive antes esta sensação. Talvez seja assim porque, na verdade, eu não escrevi uma linha da peça. Eu ouvia vozes com timbres diferentes e tudo era lançado de cá para lá, por duas vezes saí correndo do escritório com medo de certas coisas que a peça estava revelando.

O grosso do trabalho foi feito durante uns três meses, aproveitando um tempo no qual a TV me deixou inativo, de castigo, por causa de um desentendimento. Foi muito rápido escrever o *Lago*. Uma vida inteira, porém muito rápido. Lenita me conta que eu fiquei muito distante de tudo, embora aparentemente normal. Que somente saía do escritório para comer e que qualquer coisinha fazia vir lágrimas aos olhos.

Antes de começar, andei tomando alguns “impulsos” que hoje me parecem ter tido importância. A peça nasce de um sonho. Um dia tive um sonho muito intenso, porém sem nenhuma “narrativa”. Uma sensação avassaladora, de alguma coisa muito antiga e muito amada, de uma coisa perdida para sempre. Acordei chorando, mobilizadíssimo e alguns dias depois (ou no mesmo dia?) fiz uma canção, no violão, a

canção que antecede a peça. Depois se passaram alguns anos antes que eu pudesse enfrentar esta “peça sobre minha infância”.

Na verdade, tudo que um escritor escreve é mentira. Como observou Fellini, a mentira é a alma do negócio. Tudo é mentira, por mais vivido ou autobiográfico que seja. O escritor sempre mistura muitas coisas em apenas uma, inventa muito, corrige muito o mundo. Permeia com benevolência todas as deformações causadas pela individualidade da visão do mundo. E, nesta medida, tudo é verdade.

Para começar, juntei todas as fotos que tinha da infância. Fiz um álbum, com uma meticulosidade religiosa. Transformei-me em objeto de estudo, de observação. Passava horas olhando os fundos das fotos, tentando compreender as manchas, sentir as texturas, respirar os ares. Demorei um bom tempo fazendo isso. E antes de lançar-me à máquina, reli, como quem toma o fôlego, a *Longa jornada*, de O’Neill.

Terminado o texto, entrei no concurso do SNT, sob pseudônimo. Não tinha muita esperança de ganhar. Era talvez a primeira vez que eu havia escrito sem realmente pensar, por nem um momento, em agradecer qualquer tipo de platéia ou leitor. Foi para mim. Só para mim. Dedicado a Lenita e a Mariana, por todo amor que lhes tenho.

A peça não somente ganhou o concurso como agradou aos mais exigentes. Praticamente todas as companhias importantes do Rio quiseram montá-la. Logo depois do concurso entreguei os direitos de representação para Fernanda Montenegro, por motivos claríssimos: “Mocinha permitirá que Fernanda mostre sua sempre surpreendente grandeza”.

Li a peça em voz alta apenas uma vez, no Teatro Ipanema, numa madrugada, pouco depois do prêmio. Li para

umas 30 pessoas, algumas muito queridas: Lenita, Ivã de Albuquerque, Susana Faini, Carlos Gregório e outras. Havia um dado curioso à respeito. O texto ganhou prêmio de melhor comédia, embora fosse obviamente um drama. Isto se deveu, segundo informações internas, ao fato de não poder se dar o prêmio de drama à uma peça que não fosse diretamente “política”. Enfim, esta besteira já conhecida de todos.

Quando comecei a ler a peça, porém, verifiquei que realmente aquilo era engraçado! Eu estava muito emocionado e quanto mais eu me emocionava, por algum caminho estranho, mais engraçadas ficavam certas frases da peça. Antes do fim do primeiro ato, suspeitei que não conseguiria chegar ao fim, a voz embargava a cada momento, os olhos marejavam, eu estava emocionadíssimo. Foi quando percebi que minha “platéia” compartilhava da exata emoção. Muitos olhos brilhavam olhando para mim... Então, soltei a emoção, como as rédeas de um cavalo, e li chorando até o fim. Às vezes, o papel ficava até molhado. Chorávamos todos, às vezes rindo muito. Foi inesquecível.

Se por mais não fosse, apenas esse momento teria valido o esforço de escrever a peça. Me lembrarei deste dia até o último dos meus momentos. Foi o dia em que eu pude chorar. Chorar, porque estava entre amigos.

Domingos Oliveira

DO FUNDO DO LAGO ESCURO

Personagens: *Rodrigo*

Conceição, sua mãe

Henrique, seu pai

Orlando, seu tio,

irmão de Conceição

*Ricardo, seu primo,
filho de Orlando*

Manoel, o jardineiro

*Iracema, a arruma-
deira*

*Adalgisa, a profes-
sora particular*

*Pinheiro, um amigo
da família.*

Mocinha.

Cenário – uma casa em Botafogo, no Rio.

Época – princípio dos anos 50.

“Dedico este trabalho à minha filha Mariana, que um dia o lerá, e à Lenita, companheira, que sempre viu o artista em mim”

VOZ DE UM JOVEM TENOR – Do fundo do lago escuro, qual bolha de ar puro, vem um dia ter comigo um passado muito antigo...Tão fugaz quanto querido...Foi um gesto? Uma cor? Um grito? Uma queda no infinito? Qualquer coisa que

não sei. Uma promessa de paz. De alguém que muito amei. De quem não me lembro mais.... no mergulho mais valente...na direção mais certa... Tiro o mundo de meus ombros. E descanso finalmente. Entre os escombros do fundo, nada sendo e sendo tudo. Boqui-aberto e mudo. (*Varanda de uma casa rica brasileira, final dos anos 40, em Botafogo. Em primeiro plano, um jardim*)

MANOEL – Sua avó odeia capim. Se ela vê capim, manda cortar!

RODRIGO – Dá cobra.

MANOEL – Nada, isto é mania de dona Mocinha! Nunca vi cobra por aqui, a não ser uma vez, lá para os lados da estufa. (*Manoel está cortando a grama num canto da cena, enquanto o menino Rodrigo observa. Manoel é musculoso, usa uniforme e avental. Rodrigo tem 12 anos e está muito bem vestido: roupa branca, gravata, paletó azul, como um homenzinho, apesar das calças curtas. Voltou há pouco do cemitério onde foi, com toda a família, visitar o túmulo de seu avô materno. Como ocorre todos os anos nesta mesma data. Agora são cerca de quatro horas de uma bela tarde, Rodrigo parece procurar alguma coisa, enquanto conversa com Manoel*)

RODRIGO – Vovó tem um medo que se pela de cobra.

MANOEL – Ah, isso tem. Nem parece que o pai era fazendeiro. Você sabia que seu

bisavô antes de vir para o Rio era fazendeiro?

RODRIGO – Uma vez vovó falou.

MANOEL – Quem me contou foi o falecido seu José, que Deus o tenha. Mal acredito que está morto há quatro anos... Ele conversava muito comigo, seu José! Aquele gostava de uma prosa! De prosa... E de mulher! Mas isso não é coisa para o menino saber não.

RODRIGO – Olá! É ela!

MANOEL – O quê?

RODRIGO – Marrom. Pensei que fosse o rabo da Kittie.

MANOEL – Ah...

RODRIGO – O senhor viu ela mesmo não, seu Manoel!? Já procurei tudo, sumiu mesmo! Até dentro dos armários...

MANOEL – Deve estar por aí mesmo, no jardim.

RODRIGO – Eu já procurei tudo. Mamãe disse que é capaz da Iracema ter levado ela para fazer compras. Só se foi isso. Estou esperando a Iracema chegar.

MANOEL – Seu avô me contou que sua avó morava na Bahia, na fazenda do pai dela, até os quinze anos de idade, quando casou com ele. E lá tem canavial, tinha cobra. Quando seu José casou com ela ainda quis ficar por lá, ele me contou. Mas dona Mocinha não quis de jeito nenhum! Queria vir para o Rio. Então vieram. Seu José gostava de fazer todas as vontades dela... (*Entra Con-*

ceição. Traz uma bandeja com pão, geléia e biscoitos)

CONCEIÇÃO – Chega de conversa com o menino, Manoel! Já falei que não quero você de conversa com o menino. (*Para Rodrigo*) Vem tomar seu lanche, meu filho.

RODRIGO – Sim senhora.

CONCEIÇÃO – Depois vai para dentro se vestir que seus primos já estão chegando.

RODRIGO – Quem vem, mãe?

CONCEIÇÃO – Vêm todos, ora essa, lancha com sua avó! Menos sua tia Cristina, que não vai poder. Manoel. Varre tudo bem varrido, que hoje é aniversário de morte de papai e mamãe quer tudo bem varrido. Você sabe que mamãe detesta folha no chão.

MANOEL – Eu varro, Dona Conceição, mas cai. É o outono.

CONCEIÇÃO – E o senhor varre de novo, ora! É serviço seu. Mas não dá folhas para Rodriguinho não, o senhor me faça este favor! Outro dia o menino estava debruçado no lago do jardim, brincando de barco com as folhas.

MANOEL – Não fui eu que dei não senhora. Ele pegou.

CONCEIÇÃO – (*Serve a laranjada*) Debruça, depois cai.

MANOEL – Mas o lago tem essa fundura assim, Dona Conceição! Nem um neném se afoga ali!

CONCEIÇÃO – Pega um resfriado, eu é que sei.

RODRIGO – Que roupa eu ponho, mãe?

CONCEIÇÃO – Põe um suéter, que a temperatura está caindo. A camisa a Iracema está passando.

RODRIGO – A Iracema chegou?

CONCEIÇÃO – Não chegou não, vai. Quando chegar eu chamo. Vai.

RODRIGO – Meu sapato branco sujou, mãe.

CONCEIÇÃO – Deixa lá que eu limpo. (*Rodrigo sai*) Então? Deu sumiço?

MANOEL – Dei sim senhora.

CONCEIÇÃO – Coisa desagradável, logo hoje...

MANOEL – Quando nós vimos a bichinha já estava vomitando sangue, a coitada. Aí acalmou, pensamos que ia melhorar...e morreu. Isso foi naftalina que ela comeu, Dona Conceição. O armário estava cheio de...

CONCEIÇÃO – Deviam ter procurado um veterinário!

MANOEL – Não deu tempo, Dona Conceição...

CONCEIÇÃO – Você levou para onde?

MANOEL – Enterrei num terreno baldio sim senhora.

CONCEIÇÃO – Longe?

MANOEL – Longe.

CONCEIÇÃO – E Rodriguinho? Perguntou?

MANOEL – Pergunta toda hora. Mas eu desconverso.

CONCEIÇÃO – Faz bem. Quando o dia acabar eu mesma falo com ele. De noite, que aí já está na hora de dormir.

MANOEL – Sim senhora.

CONCEIÇÃO – E outra coisa, seu Manoel. Outra coisa também muito desagradável. Pensei até em pedir a Henrique que falasse com o senhor. É sobre os seus encontros com a Iracema no galpão dos fundos do jardim. É verdade isso?

MANOEL – Não senhora, eu não ia...

CONCEIÇÃO – Não minta! Detesto empregado que mente.

MANOEL – Nós fomos lá só uma vez, Dona Conceição, de noite...

CONCEIÇÃO – Iracema! (*Para si*) Não costume me meter em vida de empregado, mas tudo tem limite. (*Iracema entra. É portuguesa, tem seios generosos e sotaque*)

IRACEMA – Chamou?

CONCEIÇÃO – Iracema, Manoel está negando o que você mesma me contou! Faça o favor de repetir na frente dele.

IRACEMA – Não, Dona Conceição. É que...

MANOEL – Nós nos encontramos às vezes de noite no galpão, sim senhora.

CONCEIÇÃO – Está proibido! Vou vigiar e conforme for ponho os dois na rua.

MANOEL – A senhora sabe... eu e a Iracema pretendemos nos casar...

CONCEIÇÃO – Se pretendem ou não pretendem não tenho nada com isso. E não justifica, é pouca vergonha. Pouca vergonha não admito, tinha cabimento. E não quero choradeira! *(Para Iracema)* Leva a bandeja. *(Sai. Manoel avança disposto a descer umas bofetadas em Iracema)*

IRACEMA – Não, Manoel, espera, não bate em mim!

MANOEL – Ficou maluca? Quer que eu perca o emprego?

IRACEMA – Eu não pude negar, o menino viu nós dois lá!

MANOEL – Seu Rodriguinho?

IRACEMA – Viu e contou para Dona Conceição coisas horrorosas!

MANOEL – Que coisas?

IRACEMA – Contou que viu você... *(Fala no ouvido dele)*

MANOEL – *(Rindo, excitando-se)* Safadinha... E isso é coisa que se repita? Aposto que Dona Conceição pegou o menino tocando bronha no banheiro! Ela olha pelo buraco da fechadura quando o menino vai fazer coco... Vem cá, vem.

IRACEMA – Espera Manoel, a bandeja...

MANOEL – Depois pega a bandeja. *(Beija ela no pescoço. Um efeito de luz torna a parede da casa transparente. Vemos o quarto de Conceição. Diante*

do espelho do armário, ela arruma Rodrigo. E acaba de costurar uma bainha que soltou)

RODRIGO – Eu só ouço contar, minha mãe, mas não me lembro.

CONCEIÇÃO – Lembrar o que, menino? O que que você quer tanto saber de seu avô?

RODRIGO – No cemitério eu fiquei olhando o túmulo dele... e pensei: vovó gostava tanto de mim e eu sei tão pouco sobre ele...

CONCEIÇÃO – Pergunte a sua avó, ela é que gostava de contar. Não hoje, claro! Para ela não se emocionar.

RODRIGO – Vovó sempre conta as mesmas coisas.

VOZ DE DONA MOCINHA – Conceição!

CONCEIÇÃO – Já vou, mamãe, já vou!

VOZ – Venha me ajudar aqui com estas samambaias!

CONCEIÇÃO – Pronto. Estou indo, mamãe! *(Sai. Rodrigo fica só. Continuamos a ouvir as vozes de Conceição e Mocinha. Na penumbra do primeiro plano, sentindo a proximidade das vozes, Manoel e Iracema fogem)*

VOZ DE MOCINHA – Estão muito caídas estas samambaias!... O que será que está acontecendo?

VOZ DE CONCEIÇÃO – Samambaia é assim mesmo, mãe.

VOZ DE MOCINHA – Nada. Isso é esse jardineiro que não cuida. No tempo de

José ele cuidava, mas agora... Não mando embora porque não tenho outro. *(Rodrigo sai do quarto. A varanda se ilumina. Entra Dona Mocinha, vestida de negro, trazendo um vaso de samambaias e seguida por Conceição. Depois surge Rodrigo)*

MOCINHA – A sepultura estava tão bonita! Só com os copos de leite, José gostava muito dos copos de leite. Mas que calor, hein? Não adiantou nada termos deixado para ir depois das duas! *(Mostra a samambaia)* Olhe, cheia de pontas. Coloque em cima da mesa que depois eu arrumo *(Entrega para Conceição)* Minha filha, telefona para o Pinheiro! E pergunta porque ele ainda não chegou! Já são quase cinco horas! Ele disse que chegava às quatro e meia, no máximo quinze para as cinco. E eu hoje não dispense o meu joguinho, que eu estou muito nervosa...

CONCEIÇÃO – Ele vem, mãe, deve estar chegando *(Cobre a mesa com uma toalha)*

MOCINHA – Quatro anos, Conceição, quatro anos sem José! Eu nunca vou me conformar. Além do que estou muito aborrecida com isto de Cristina não vir jantar. Onde é que já se viu, num dia como o de hoje?!

CONCEIÇÃO – Ela disse no telefone que está com muita dor de cabeça, Pode ter sido o sol do cemitério.

MOCINHA – Vê se aquele solzinho dá dor de cabeça em alguém! Desculpas! Casou com homem rico, não precisa mais de mãe.

CONCEIÇÃO – Que é isso, mamãe...

MOCINHA – É isso mesmo! Eu não tenho papas na língua. Por isso nunca fiz questão de filha minha casar com homem rico. E Orlando, onde está?

CONCEIÇÃO – Está aí dentro: então não veio com a gente?

MOCINHA – Ainda bem. Que mano a mano com o Pinheiro eu não agüento mais!

CONCEIÇÃO – Onofre é que telefonou ainda agora. Também não vem jantar.

MOCINHA – Onofre não vem?

CONCEIÇÃO – Disse que tinha esquecido e que tinha marcado um compromisso importante de trabalho. Que depois telefona para a senhora.

MOCINHA – Quando for assim, minha filha, você me bota no telefone na hora!!! Que pra mim ele não dizia isso... Mas eu sabia! José também sabia, ainda ouço a voz dele dizendo: “Mocinha, quando eu morrer eles vão todos te abandonar, um por um!”

CONCEIÇÃO – Papai nunca disse isso. E a senhora toma cuidado que assim Deus castiga! Ninguém está abandonando a senhora. Foram todos ao cemitério.

MOCINHA – E era o cúmulo se não tivessem ido, aniversário de morte de

José! Mas tinha obrigação de vir depois para cá, ficar comigo. Queria ver se nos tempos de José, numa data como essa, se não vinham todos! José desancava quem não viesse.

CONCEIÇÃO – Além disso acho muito desagradável a senhora ficar falando assim porque, afinal de contas, eu estou aqui! E Orlando também está, e Henrique teve de ir na cidade mas já está chegando para o lanche.

MOCINHA – Henrique vem?

CONCEIÇÃO – Disse que vai trabalhar em casa o resto da tarde.

MOCINHA – Ainda bem. Detesto mesa vazia. Henrique é bom marido. Bom marido ele é.

RODRIGO – Minha avó...

MOCINHA – Que é isso, menino, você estava aí?

RODRIGO – Estava.

MOCINHA – Esse menino é tão quieto que a gente nem vê ele! Você quer alguma coisa?

RODRIGO – Queria.

MOCINHA – O quê?

RODRIGO – Queria que a senhora contasse mais coisas... sobre meu avô.

CONCEIÇÃO – Está com essa bobagem desde que chegou. Eu não disse que isso não é assunto pra falar com sua avó hoje? Vai estudar tabuada, vai.

MOCINHA – Ih, Conceição, Rodriguinho já está cansado de saber tabuada! E ele

quer conversar comigo, eu gosto de conversar...

CONCEIÇÃO – Está bem, mamãe. Eu vou ver como está o jantar.

MOCINHA – Deixa que a cozinheira vê...(Conceição sai). Seu avô gostava muito de você.

RODRIGO – Eu sei.

MOCINHA – Um dia levou você ao cinema você tinha quatro anos, se tanto...

RODRIGO – Isso a senhora já contou, vó.

MOCINHA – E o gerente não quis deixar, porque o filme era impróprio. José quase quebrou o cinema! Arrumou um freje e só sossegou quando deixaram você entrar! José quando estourava!... No Banco Boavista mandava o gerente sair da mesa para você sentar! Dizia pra todos os empregados: olhem aí o futuro gerente! E sempre que vinha de noite trazia balas...

RODRIGO – De coco.

MOCINHA – De coco para você e, para mim, as amêndoas recobertas. Não me conformo, meu filho. Você é muito parecido com seu avô, parecidíssimo...(Tampa-lhe o nariz e a boca para salientar os olhos). Daqui pra cima, é, igual! Mesmos olhos, impressionante...(Entra Iracema trazendo pratos para a mesa de lanche) Isso são horas de botar a mesa de lanche, minha filha? Já devia estar posta!

RODRIGO – Iracema, você viu...

MOCINHA – Vamos para dentro, meu filho, enquanto ela põe a mesa. Quero lhe mostrar um retrato do seu avô. Um que eu tenho no armário. Para você ver como os olhos são iguais. Venha. *(E sai)*

RODRIGO – Iracema, você levou a Kitti nas compras?

IRACEMA – Não senhor! Quem lhe disse?

RODRIGO – Mamãe.

VOZ DE MOCINHA – Rodrigo, venha!

RODRIGO – E você não...

IRACEMA – Sua avó está chamando.

VOZ DE MOCINHA – Rodrigo, venha! *(Rodrigo sai. Luz na sala. Uma grande mesa e uma comôda. Orlando, irmão de Conceição, um pouco mais velho que ela, procura alguma coisa no armário. Conceição entra sem ser vista)*

CONCEIÇÃO – O vinho não está aí.

ORLANDO – Onde é que está?

CONCEIÇÃO – Não convém você beber agora, está quase na hora do lanche.

ORLANDO – Onde é que está?

CONCEIÇÃO – Não convém você beber agora.

ORLANDO – Deixa de palhaçada. Quêde o vinho?

CONCEIÇÃO – Escondi e não vou dar! Ontem na hora do jantar você estava completamente tonto! Mamãe só não percebeu porque é boba!

ORLANDO – Me dá o vinho e deixa de merda!

CONCEIÇÃO – Pára de ser desbocado que eu não admito palavrão na casa de mamãe!

(Entra Iracema e arruma a mesa do lanche, na penumbra do primeiro plano. Eles se calam quando Iracema entra e esperam ela sair para recomeçar)

ORLANDO – Desculpe. Não sou criança.

CONCEIÇÃO – *(Pegando o vinho)* Toma. Não exagera.

ORLANDO – Esse é dos bons.

CONCEIÇÃO – Vem ninguém jantar. Só nós dois.

ORLANDO – Novidade. Reparei que no cemitério nem falaram contigo direito, Cristina e Onofre. *(Vai abrir o vinho)*

CONCEIÇÃO – Não me suportam. Estou com um problema com eles.

ORLANDO – Problema?

CONCEIÇÃO – Você sabe muito bem.

ORLANDO – O quê?

CONCEIÇÃO – Sei que mamãe comentou com você.

ORLANDO – A coisa dos apartamentos do Andaraí?

CONCEIÇÃO – É.

ORLANDO – Comentou sim.

CONCEIÇÃO – E o que que ela disse?

ORLANDO – Que Onofre tinha dito que tinha um amigo que tinha um amigo que tinha sabido no fórum que Henrique tinha vendido dois apartamentos do An-

darai. E que Cristina disse que também tinha sabido.

CONCEIÇÃO – Infâmia deles! Onofre nunca perdoou mamãe ter deixado a administração dos bens com Henrique, em vez de com ele. E Cristina, Cristina você sabe como é!

ORLANDO – *(Arrancando a rolha do vinho)* Mas é ou não é verdade?

CONCEIÇÃO – O quê?

ORLANDO – A coisa dos apartamentos do Andaraí? *(Iracema entra. Conceição e Orlando se calam. Iracema percebe, pega o que tem que pegar e sai)*

CONCEIÇÃO – Não agüento mais esses problemas com o dinheiro de mamãe, aqui em casa.

ORLANDO – Todos os problemas aqui em casa são com o dinheiro de mamãe.

CONCEIÇÃO – Não admito que você fale nesse tom! Você está insinuando alguma coisa? Você é um que sabe muito bem que Henrique não toca em um tostão do dinheiro de mamãe!

ORLANDO – Calma, Conceição, porra, calma!

CONCEIÇÃO – Eu estou nervosa. Quando soube do disse-me-disse, fui à mamãe. E falei que achava que ela devia ter todas as escrituras dos imóveis no cofre, atualizadas. Achei que isso acabava com qualquer desconfiança.

ORLANDO – É.

CONCEIÇÃO – E então mamãe pediu a Henrique as escrituras. E faz uma semana e o Henrique ainda não entregou todas.

ORLANDO – Às vezes demora para atualizar, escritura às vezes demora. *(Bebe)*

CONCEIÇÃO – Henrique está dizendo que tem duas perdidas, que o cartório está custando a achar. Me disse ontem, porque eu perguntei. E disse pra não dizer nada à mamãe por enquanto que é questão de dias. E são as duas escrituras do Andaraí! *(Iracema entra)* O que é que você tanto entra e sai, hein minha filha?

IRACEMA – A senhora não mandou botar a mesa do lanche?

CONCEIÇÃO – Por que não botou antes?

IRACEMA – Eu estava pendurando a roupa...

CONCEIÇÃO – Pendurasse antes. Agora saia que eu estou conversando com o Doutor Orlando. *(Iracema pega tudo o que falta e sai)*.

ORLANDO – Um dia vocês não vão mais conseguir empregada. Impossível tratar empregada do jeito que você e mamãe tratam.

CONCEIÇÃO – Nós tratamos muito bem, elas é que não prestam. Nenhuma presta. Essa é uma sem-vergonha.

ORLANDO – Tem peitos grandes.

CONCEIÇÃO – Orlando!

ORLANDO – *(Bebe)* Mesmo que Henrique tenha vendido os apartamentos não tem nada demais, dependendo do que ele fez com o dinheiro.

CONCEIÇÃO – Como nada demais? Sem autorização?! *(A luz volta ao normal, à varanda. Henrique e Seu Pinheiro vêm vindo pelo jardim)*

HENRIQUE – Mas que coincidência, hein! Eu lhe encontrar logo na porta!

PINHEIRO – Vi seu buick de longe!

HENRIQUE – Tive de dar um pulo na cidade por causa de um cliente... Mas que calor!

PINHEIRO – Eu não sinto o calor. Não suo, estou sempre seco. Também nunca vou à cidade. É daqui para minha casa, de casa para aqui! E sempre a pé, detesto táxis!

HENRIQUE – Mariinha vai bem? Todos os seus? *(Atraídos pela chegada de Henrique, Orlando e Conceição vêm para a varanda)*

HENRIQUE – *(Beijando Conceição)* Que calor na cidade...

CONCEIÇÃO – Tudo bem?

HENRIQUE – Excepcionalmente bem! Ainda é dia 8 e todos os inquilinos já pagaram o que, dado o aperto financeiro da praça é excepcional!

CONCEIÇÃO – Rodrigo, seu pai chegou!

HENRIQUE – Fico contente quando consigo acertar as contas do mês de Dona Mocinha antes do dia 15. Não que ela

me peça as contas, porém quanto antes, melhor.

CONCEIÇÃO – Henrique, eu ia até me esquecendo... A cachorrinha morreu.

HENRIQUE – A cachorrinha do Rodrigo?

CONCEIÇÃO – Comeu as naftalinas de um armário, enquanto nós estávamos no cemitério. Já mandei dar sumiço.

PINHEIRO – Mas que pena! O menino estava sempre brincando com ela. Também, deixar naftalinas...

CONCEIÇÃO – Rodriguinho ainda não sabe. Estou evitando de dizer a ele, que afinal de contas hoje é aniversário de morte do papai. Já basta.

PINHEIRO – A senhora me desculpe não ter ido ao cemitério, mas ao cemitério eu nunca vou. Dona Mocinha sabe disso. Tive vontade de ir. Mas não vou. *(Entra Rodrigo e vai beijar o pai. Conceição faz um sinal para que não se fale na cachorrinha)*

CONCEIÇÃO *(Para Pinheiro)* Mamãe já reclamou seu atraso. Disse que depois do buraco o senhor vai ter de ficar e ver o Lacerda com ela.

HENRIQUE – *(Para Rodrigo)* Está bonitinho. *(Para os outros)* É verdade, hoje à noite tem Lacerda.

CONCEIÇÃO – Grande homem.

RODRIGO – Mãe, Iracema voltou. E a Kitti não estava com ela não.

PINHEIRO – Dona Mocinha sabe que eu sou contra o Lacerda, por isso quer que eu fique. Para poder discutir!

HENRIQUE – Mas a situação está preta, política e financeiramente!

ORLANDO – Tanta gente com dinheiro...

RODRIGO – Mas o que é que a gente faz agora, mãe? A gente precisa achar ela...

CONCEIÇÃO – Calma, menino, depois do lanche. Mas a inflação está horrorosa, Orlando! O Lacerda tem razão que não é mais possível essa carestia. O governo não dá jeito e do modo que vai a situação...

PINHEIRO – E a senhora lá entende disso, Dona Conceição?!...

HENRIQUE – Conceição é excelente financista. Se o senhor soubesse a economia com que ela governa esta casa! Na medida do possível, é claro, porque Dona Mocinha exige tudo muito farto!

PINHEIRO – *(Para Conceição)* Vou mandar o Getúlio aprender com a senhora. *(Riem. Entram Mocinha e Seu Manoel, que vem com espanador e flanela)*

MOCINHA – *(Para Pinheiro)* Sim senhor, isso são horas! Pensei que não vinha mais!

PINHEIRO – Que é isso, Dona Mocinha? Quinze minutos...

RODRIGO – Meu pai, a Kitti sumiu desde de manhã.

HENRIQUE – Eu sei, meu filho, sua mãe falou.

MOCINHA – *(Mostrando um vaso)* É este Manoel: olha a imundície! Obrigação sua. Olhe, tem de limpar por dentro. Não quero vaso sujo.

HENRIQUE – É inteligente esse meu menino, sabe seu Pinheiro? Este mês o boletim veio tudo dez.

RODRIGO – Um nove.

HENRIQUE – Só um nove.

MOCINHA – Segura aqui essa cadeira, meu filho, para sua avó sentar. Vamos gente.

RODRIGO – Vó, a senhora não se lembra de ter visto a Kitti?

CONCEIÇÃO – Depois a gente fala nisso, Rodrigo. Agora é hora do lanche.

MOCINHA – Não vi nem quero ver, meu filho! Você sabe que eu detesto aquele bicho, nunca devia ter deixado vir! No início eu até gostava dela. Andava atrás de mim, balançava o rabo... mas depois, fez coco em tudo. Até dentro da minha sandália fez coco! Há males que vem para o bem.

CONCEIÇÃO – Depois do lanche eu mando seu Manoel dar uma busca na vizinhança. Está bem, seu Manoel? *(Para Rodrigo)* Vai aparecer.

RODRIGO – Posso ir com ele procurar?

CONCEIÇÃO – Então Dona Adalgisa não vem aí, menino? Hoje não é quarta-feira?

PINHEIRO – Fruta do conde? Não sabia que estavam na época.

MOCINHA – Mas estão ruins. *(Conceição bota leite na xícara de Rodrigo)*

ORLANDO – Por que não deixam o menino se servir sozinho?

MOCINHA – Não adianta que ele se suje todo.

RODRIGO – Não sujo mais não, vó.

MOCINHA – A toalha é nova. *(Para Orlando)* E Ricardinho, porque não chegou ainda? Não vinha para o lanche?

ORLANDO – Maria Augusta deve ter se atrasado. Ela ia deixar ele aqui.

MOCINHA – Se ao menos pudessem ser evitados estes princípios de semana com esta mulher!

CONCEIÇÃO – Impossível, mãe. É mãe, tem direito.

ORLANDO – Por favor, olha o assunto. Tem crianças na mesa.

MOCINHA – Está certo. O que me irrita é a Conceição ficar defendendo, quando sabe perfeitamente que Maria Augusta não presta! Honra não! Honra impecável! Mas como esposa não prestou...

ORLANDO – Esse é um assunto meu, particular, não admito que seja discutido... *(Um pássaro canta no jardim)*

PINHEIRO – Sabiá laranjeira.

MOCINHA – Vê-se logo que não entende de pássaros, Pinheiro! Foi meu canário Belga! José gostava tanto de canário

Belga... Se ele estivesse vivo não tinha deixado Orlando se separar de Maria Augusta.

ORLANDO – Chega, mamãe!

MOCINHA – *(Para Pinheiro)* José gostava muito do pai de Maria Augusta, fez muito gosto do casamento. *(Para Orlando)* E que impaciência é esta?

ORLANDO – A senhora me dá licença. Eu vou... lá para dentro.

MOCINHA – Não, senhor, porque lá para dentro? Estamos na mesa!

ORLANDO – São assuntos meus, mamãe! De família. Íntimos. Outro dia até diante do Ricardinho a senhora ficou falando...

MOCINHA – Senta, Orlando.

CONCEIÇÃO – Senta, Orlando. *(Ele obedece)*

MOCINHA – E não seja injusto com sua mãe. Nunca falei mal de Maria Augusta na frente de Ricardinho, que eu não sou maluca.

ORLANDO – Falou sim, mãe.

MOCINHA – Se falei foi sem querer!

ORLANDO – O menino já é complicado. Isso só faz aumentar a complicação dele.

MOCINHA – Milagre se não fosse. Com a mãe que tem. E não é complicado, não sei o que Ricardinho tem de complicado!

ORLANDO – Se a senhora insiste em falar do assunto, Maria Augusta não teve nenhuma culpa da nossa separação!

Mas isso não são assuntos – Seu Pinheiro nem da família é.

PINHEIRO – Se quiserem que eu me retire...

MOCINHA – Não é da família mas é como se fosse!

PINHEIRO – Obrigado, Dona Mocinha.

ORLANDO – Fui eu que sai de casa, porque quis, e todos sabem disso. É público.

MOCINHA – Desenhavida, Orlando! Maria Augusta sempre foi muito desenhavida! Onde é que já se viu uma mulher que se preza deixar um marido como você sair de casa? Ela não soube prender você, isso é que é. E uma mulher de verdade tem obrigação de saber prender o marido!... Ele, um rapagão; ela, muito magriça, sempre olhando o chão... não podia dar certo. *(Rodrigo derrama leite na mesa)*

CONCEIÇÃO – Olha, não falei? Sujou a toalha, depois mando trocar. E a calça também pingou...

HENRIQUE – É só leite, Conceição.

PINHEIRO – Precisa passar água quente, por causa do açúcar.

CONCEIÇÃO – Leite com açúcar... E podia até se queimar... Vai se lavar, vem. Parece bobo. *(E sai, levando Rodrigo pela mão)*

MOCINHA – Conceição precisa dizer logo a esse menino que a tal cachorra morreu. Ele era muito agarrado. Diz

logo a verdade, pronto acabou. Chora, mas pára. Em vez de ficar essa situação...

HENRIQUE – Que desagradável, logo hoje. Como foi?

MOCINHA – Comeu qualquer coisa, morreu. Não foi, seu Manoel?

MANOEL – Foi sim senhora.

MOCINHA – Cachorra é assim mesmo. Morre. Já está limpo isso aí. Pode ir. *(Manoel sai)* Não gosto de gente ao meu lado quando estou comendo. Nunca mais quero cachorro nem bicho nenhum! Só o canário na gaiola, assim mesmo a quem diga que dá azar.

PINHEIRO – Uma pena! Uma pequenezinha tão bonitinha... E distraía muito o menino.

MOCINHA – Distraía mas tinha pulgas. Pinheiro, você nem imagina: quando vi tinha pulgas até na minha cama!

ORLANDO – Deve ter sido impressão sua mamãe. Conceição dava um banho de criolina na bichinha uma vez por semana.

MOCINHA – Então não sei o que é uma pulga, Orlando? Matei uma no lençol!! Porque por mim eu até gostaria que Rodriguinho tivesse um animal qualquer. Sabe como é, filho único... Fica sempre um pouco sozinho. Se ao menos os primos viessem mais aqui.

Conceição não deixa brincar na rua, e faz muito bem... *(Para Orlando)* Não quer um pedaço de bolo de aipim? Os figos também estão ótimos. Ninguém quer figos? Não quer Henrique?

HENRIQUE – Vou experimentar um, Dona Mocinha. *(Pega um)*

MOCINHA – E as escrituras do Andaraí, Henrique? Já achou? Estou muito preocupada!

HENRIQUE – Escrituras?

MOCINHA – Você não perdeu as escrituras dos dois apartamentos do Andaraí? Perdeu ou não perdeu?

HENRIQUE – É que pensei que a senhora não soubesse! Como é um assunto sem importância, não quis...

MOCINHA – Eu sei de tudo. E fiquei aborrecida. Afinal esses documentos não é coisa que se perca. Lembra-se que eu falei, Pinheiro, que queria todas as escrituras no cofre? Eu estava estranhando que você ainda não tinha entregue. E hoje Conceição explicou que você perdeu as do Andaraí!

HENRIQUE – Já estão providenciadas as segundas vias, Dona Mocinha. Mais uns dias...

MOCINHA – Quantos dias?

HENRIQUE – Depende do cartório.

MOCINHA – Hum... Então você faz o seguinte. Você prepara pelo menos uma lista. Uma lista de todos os apartamen-

tos com os números das escrituras, cartório, tudo. E o valor, claro.

HENRIQUE – E... para que a senhora quer essa lista? Desculpe perguntar.

MOCINHA – Ora, por que quero? Porque quero!

HENRIQUE – Sim senhora. Eu faço. Sei quase tudo de cor. Amanhã mesmo...

MOCINHA – Faz hoje. Enquanto não chega a hora do Lacerda.

HENRIQUE – Sim senhora. Inclusive preciso também lhe entregar as contas do mês. Antes do dia quinze, e os inquilinos já pagaram todos... *(Conceição entra com Rodrigo, que vem com outra calça)*

CONCEIÇÃO – Calma, menino, mas que nervoso! Espera! Eu já disse pra esperar.

MOCINHA – Que foi?

CONCEIÇÃO – É que Dona Adalgisa chegou, está na hora da aula. E ele ficou todo nervoso na hora da aula.

MOCINHA – Olhe aí: você saiu da mesa, seu lanche esfriou.

CONCEIÇÃO – Eu já disse a Dona Adalgisa que nós estamos lanchando, ela espera. É esse menino que fica nessa aflição. Eu já disse a ele que estudo demais faz mal: tudo que é demais faz mal! O café esfriou mesmo.

MOCINHA – Manda esquentar.

CONCEIÇÃO – Eu lancho depois, agora não dá. Vou botar a mesa da aula aqui

na varanda mesmo, viu mamãe? Que aqui desarruma menos. Mas não precisa ninguém se apressar que Dona Adalgisa espera.

MOCINHA – Por mim acabei. Já acabou, Pinheiro? Que o bolo de milho eu mando servir no jogo, senão não jogamos nada até a hora do Lacerda. Que hoje é melhor nem ter jantar, hein Conceição? Ceia, depois do Lacerda.

CONCEIÇÃO – Sim senhora, mamãe, vou providenciar.

MOCINHA – *(Saindo)* Você joga também, não é Orlando? Tem de jogar.

ORLANDO – Eu jogo uma partida, descanso uma. Duas seguidas, a senhora sabe, eu canso.

MOCINHA – É, mas assim atrapalha tudo.

ORLANDO – Me dá dor de cabeça: é a vista.

MOCINHA – Por que não vai ao médico? Conceição, manda telefonar para a casa de Maria Augusta. Para saber porque ela ainda não entregou o Ricardinho. Já estou muito aflita com esse menino que não chega. *(Sai, com Pinheiro e Orlando)*

HENRIQUE – Sai um instante, meu filho. Preciso falar com sua mãe. Vá buscar Dona Adalgisa. *(Rodrigo sai)*

CONCEIÇÃO – Que foi? Que cara é essa?

HENRIQUE – Então você foi dizer à sua mãe que eu perdi as escrituras? Con-

ceição, eu não lhe disse para não dizer nada?!

CONCEIÇÃO – Ah, então é isso! Eu não escondo nada de mamãe, não, Henrique! Não escondo nada.

HENRIQUE – Não se trata de esconder! Se eu pedi para você não falar, é porque tenho motivos! Afinal sou seu marido!

CONCEIÇÃO – Ela perguntou, Henrique, eu não ia mentir! Afinal nós moramos aqui, devemos obrigações.

HENRIQUE – Nós não moramos aqui por favor!!! E sim porque seu pai nos incumbiu de cuidar dela... E nós pagamos um terço das despesas! Não é favor, pelo contrário!

CONCEIÇÃO – Como “pelo contrário”? O que que você quer dizer com “pelo contrário”?

HENRIQUE – Esta sua mania de contar tudo para sua mãe! Parece criança!

CONCEIÇÃO – Não tenho tempo para discutir agora, Dona Adalgisa...

HENRIQUE – Eu fui humilhado naquela mesa, Conceição! Isso não pode continuar assim.

(Entra Adalgisa, com Rodrigo)

ADALGISA – Boa tarde, Doutor Henrique.

HENRIQUE – Boa tarde, como está a senhora? Como vai o estudante?

ADALGISA – Este é um portento, sempre muito aplicado...

HENRIQUE – Assim é que se quer. Boa aula. *(Henrique sai, Conceição vai atrás dele. Conversam no jardim)*

CONCEIÇÃO – Onde é que você vai?

HENRIQUE – Não sei. À cidade.

CONCEIÇÃO – Mas fazer o que na cidade a essa hora? A essa hora está tudo fechado. E eu disse a mamãe que você não ia mais sair.

HENRIQUE – Preciso sair. Preciso pensar.

CONCEIÇÃO – Mas pensa aqui mesmo...

HENRIQUE – Seu ato pode ter tido conseqüências mais graves do que você pensa, Conceição! Eu não vou poder entregar aquelas escrituras à sua mãe. Porque eu vendi os apartamentos do Andaraí! Sem autorização!

CONCEIÇÃO – Meu Deus! Vamos conversar no quarto.

HENRIQUE – Estamos precisando mesmo botar uns pontos nos iis.

CONCEIÇÃO – Vai na frente, eu já vou. *(Henrique volta para dentro da casa, sem olhar Adalgisa nem o filho. Conceição faz as últimas arrumações na mesa de aula)*

RODRIGO – Papai vai sair, mãe?

CONCEIÇÃO – Ele vai com o seu Manoel perguntar pela vizinhança se alguém viu a Kittí...

RODRIGO – Ah, que bom! Tem de perguntar a todo mundo.

CONCEIÇÃO – Sossega. Vai achar. Não pensa mais nisso, senão perturba a aula.

Hoje é inglês, português ou matemática?

ADALGISA – Sempre revemos de tudo um pouco, não é Rodrigo?

CONCEIÇÃO – Não me esqueço do Embaixador Marques dos Reis. Ele era muito amigo nosso, no tempo em que íamos a Caxambu – Agora não temos mais ido. Ficava horas conversando com Rodriguinho, que nesse tempo devia ter uns... 7 anos. O embaixador dizia que Rodrigo era muito inteligente. Precoce. Não é meu filho? No fim da aula eu chamo, se a senhora se distrair. *(E sai)*

ADALGISA – Sua mãe sempre conta isso. Do embaixador.

RODRIGO – É.

ADALGISA – E você lembra sobre o que conversaram? Devia ser muito interessante.

RODRIGO – Eu não me lembro não senhora. Eu tenho muito má memória. Para o estudo não, tenho boa memória. Mas o resto...

ADALGISA – Como você é tímido, Rodriguinho! Não gosta de contar suas coisas nem para mim, que gosto tanto de ouvir! Gosto muito de você, sabia? Em geral eu me afeiçoô a meus alunos, mas com você é mais ainda! Dou aulas por necessidade... Porém, mesmo que não fosse por necessidade, para você eu daria aula. Por gosto.

RODRIGO – Obrigado. Eu fiz o dever de geografia. Os rios. Também gosto muito da senhora.

ADALGISA – Mas não precisa me chamar de senhora! Será que eu sou tão velha assim? Tenho vinte e três anos. Só.

RODRIGO – Pensei que a senhora tivesse mais.

ADALGISA – Isto é coisa que se diga a uma moça, senhor Rodrigo?! E me chamou de senhora de novo!

RODRIGO – Desculpe!

ADALGISA – Então vamos primeiro ver a tabuada, apesar de que tabuada você sabe... vamos ver: de oito! (*Rodrigo começa a declinar a tabuada. A tarde começa a cair, anunciada pelas cigarras*)

* * *

SEGUNDO ATO

RODRIGO – ... Nove vezes oito setenta e dois, nove vezes nove oitenta e um, nove vezes dez noventa.

ADALGISA – Muito bem, tabuada não precisa mais. Advérbios e pronomes, vamos ver o exercício. Cite três advérbios de lugar.

RODRIGO – Aqui, ali e acolá.

ADALGISA – Pronomes pessoais. Eu, tu, ele, nós, vós, eles. Agora declinando um verbo, vamos ver! Um bem difícil! Imperativo do verbo ser e fazendo frases!

RODRIGO – Sê... honesto.

ADALGISA – Muito bem...

RODRIGO – Sede bonita.

ADALGISA – Terceira pessoa?

RODRIGO – Seja! Seja ele... bem comportado. Verdadeiro.

ADALGISA – Sim.

RODRIGO – Sejamos mentirosos, Seja!... alegre...

ADALGISA – Certo...

RODRIGO – Sejam eles, maus.

ADALGISA – Muito bem, nota dez. Agora precisamos escolher o tema da redação. Depois de amanhã é dia.

RODRIGO – Eu queria contar... umas coisas que eu conversava com o embaixador. Se a senhora achar bom, senão eu posso fazer outra.

ADALGISA – Não, esta é interessantíssima! Me diga o que é.

RODRIGO – É... que durante muito tempo eu não conseguia dormir, sabe. Até hoje. Tem muitas noites que eu custo a dormir. Fico na cama. Só durmo de madrugada, quando já estou muito cansado.

ADALGISA – Insônia! Mas isso não é coisa de menino não. Precisa falar com sua mãe para falar com o médico. Por que você não dorme?

RODRIGO – Por causa do infinito.

ADALGISA – O quê?

RODRIGO – É difícil explicar. É que um dia eu olhei o céu – sempre olho – e vi – quer dizer, entendi... que o céu não

acabava. Quer dizer, que atrás do céu tinha outro, e depois outro.

ADALGISA – Como assim?

RODRIGO – Que o céu não era um teto, não protegia! Que quanto mais longe a gente olhava... mais longe dava para olhar. Era infinito.

ADALGISA – Ah. Sim!

RODRIGO – E eu tive medo. Muito medo. A senhora sabe, eu tremi de frio, de medo. Contei isso para o embaixador. Ele achou muito interessante e me disse... que também tinha medo.

(A luz se modifica e deixa ver o interior da sala, onde Mocinha, Pinheiro e Orlando jogam Buraco)

MOCINHA – Eu abri com quatro coringas, Pinheiro, de mão, dependendo de um ouro para fechar a seqüência – e você arreia antes de mim, Pinheiro!

PINHEIRO – Desculpe Dona Mocinha, mas a senhora ganha tantas vezes que um dia tem de virar!

HENRIQUE – Mas eu pretendo repor o dinheiro, Conceição! E com lucro, muito lucro para Dona Mocinha!

CONCEIÇÃO – Explique-se. Para você fazer uma coisa dessas sem permissão de mamãe, deve ter explicação.

HENRIQUE – Sou procurador. Tenho direito.

CONCEIÇÃO – Não direito de especular com o dinheiro!

HENRIQUE – Conceição, veja como fala comigo: sua mãe nem teria sabido se você não tivesse vindo com essa idéia de botar as escrituras no cofre!

CONCEIÇÃO – Eu sabia! Como é que eu vou ficar agora com Onofre e Cristina? Meus Deus, que vergonha...

HENRIQUE – Calma, Conceição, você não está entendendo... Eu precisei!

CONCEIÇÃO – Como precisou? Nós não precisamos de nada...

HENRIQUE – Precisei para pagar dívidas!

CONCEIÇÃO – Dívidas!

HENRIQUE – Um título, que eu precisava cobrir! Ou eu vendia os apartamentos ou perdia meu nome!!! *(A cena passa, por um momento, para a sala e a mesa de jogo)*

MOCINHA – ... Que isso de dizer que não joga por causa do calor, é bobagem! Sente calor, põe o ventilador! Contanto que não ponha nas minhas costas senão eu me resfrio. Põe virado para lá.

ORLANDO – Conceição não gosta de buraco, mamãe.

MOCINHA – Não precisa gostar, ora, joga para me agradecer! O que que tem? Você não joga?

(A cena passa para aula em primeiro plano)

RODRIGO – Mas agora não tenho mais medo não. Tenho insônia, medo não. É que... quando eu tinha medo, do infinito,

eu aprendi a pensar no momento em que a gente passa de acordado para dormindo.

ADALGISA – Não entendo.

RODRIGO – Eu explico. É que tem uma hora que a gente está acordado, não tem? E, de repente, já é o dia seguinte. Quer dizer, quando a gente não sonha. Eu não sonho quase.

ADALGISA – Eu sonho.

RODRIGO – Então existe um momento em que a gente passa de acordado para dormindo. E eu queria estar acordado nesse momento... E aí não conseguia dormir? Entende?

ADALGISA – Rodrigo, que maluquice. Isso não são coisas para uma criança pensar. *(A ação volta para o quarto)*

HENRIQUE – E Dona Mocinha não precisa chegar a saber... eu comprei um terreno com o dinheiro. Que vai ser revendido com lucro. Bom lucro! Quando estiver revendido, eu mesmo conto tudo para Dona Mocinha, e você faz de conta que não sabia... eu fico com minha parte de justa comissão e o lucro é dela, naturalmente! Confie em mim, Conceição!

CONCEIÇÃO – Você comprou terrenos aonde?

HENRIQUE – No Leblon.

CONCEIÇÃO – Mas Henrique, isso é seguro? O Leblon é o fim do mundo.

HENRIQUE – São zonas de alta valorização! Somente a revendagem é que não está sendo fácil. Havia uma pequena irregularidade...

CONCEIÇÃO – O quê?

HENRIQUE – Na documentação dos terrenos do Leblon... Os papéis não estavam em perfeita ordem. E eu só tomei conhecimento depois que havia comprado.

CONCEIÇÃO – Henrique. Então você usou o dinheiro de mamãe sem ao menos ter certeza do negócio, Henrique? Você chegou a esse ponto?

HENRIQUE – Foi azar! Azar ao qual eu fui impelido por necessidades, a bem da verdade. O título... e o preço era bom, não era oportunidade que se perdesse! Uma possibilidade, não é Conceição? De eu retirar uma boa comissão e ainda dar lucro a sua mãe!!!

CONCEIÇÃO – Você já falou isso! E além do mais... Que dívidas são essas, por amor de Deus? Para que você precisou pedir dinheiro a bancos, Henrique? Não posso entender! Você tem outras... despesas na rua?

HENRIQUE – Não admito que você insinue...

CONCEIÇÃO – Nós quase não gastamos... das despesas totais da casa pagamos somente um terço, e só os juros de meu dote dão para cobrir, ou quase dão.

HENRIQUE – Você está enganada.

CONCEIÇÃO – Porque você, Henrique, a verdade precisa ser dita, é um homem quase sem obrigações. Moramos com mamãe! E o seu trabalho é destinado apenas a aumentar o nosso patrimônio. Isto ficou bem claro entre papai e nós.

HENRIQUE – Você não tem noção do que seja dinheiro.

CONCEIÇÃO – Eu tenho muita noção! Sou uma mulher muito prática! E não entendo o que está acontecendo. Pois se nem aluguel pagamos! Ao contrário recebemos usufruto de papai! Não, Henrique, tem alguma coisa mal contada.

HENRIQUE – Você é uma moça... acostumada a um certo padrão. Nascida assim, digamos, em berço de ouro.

CONCEIÇÃO – Exagero!

HENRIQUE – Não são as grandes despesas que pesam, são as pequenas! Nesta casa não falta nada. Qualquer luxo-necessidade, qualquer coisa que sua mãe queira, ou você... Presentes para um, para outro, contribuição para instituição de caridade, um milhão de coisas... Isso sem falar, já que você me obriga a falar, no dinheiro que sua mãe dá a Orlando! Há cinco meses, Conceição, que o dinheiro da renda de sua mãe não dá mais, acaba antes do fim do mês. E ela me pede para trazer mais, adiantado! Eu trago! E de onde é que eu tiro?!? Não posso dizer à sua mãe “não”! Posso? Quando eu, rapaz pobre,

pedi a sua mão a seu pai, eu sabia a responsabilidade que estava tomando! Eu não posso de modo algum, você há de convir, tirar você de seu pai – uma moça acostumada ao bom e ao melhor – para te dar uma vida de... necessidades! Isso eu não farei nunca!

CONCEIÇÃO – Pois está fazendo pior! Me fazendo passar vergonha diante de meus irmãos e minha mãe!

HENRIQUE – Não. Vai dar tudo certo. Vou regularizar a situação, vou vender os terrenos do Leblon, com a graça de Santa Edwiges, e Dona Mocinha vai ter orgulho de mim! Ela me pediu uma lista das propriedades, vou fazer agora mesmo...

CONCEIÇÃO – Henrique, você jura que nunca mais vai fazer um negócio com o dinheiro da mamãe antes de me pôr a par? Você jura, Henrique? Por Deus, pela saúde de nosso filho, você jura?

HENRIQUE – Juro, juro... *(A cena volta para a mesa de jogo)*

MOCINHA – ... Porque se não morresse eu ia mandar matar. Pelo menos mandava embora. Coco na minha sandália, onde é que já se viu? Pinheiro, esses baralhos são novos?

PINHEIRO – Eu mesmo comprei, Dona Mocinha. Novinhos.

MOCINHA – Uma das vezes que fomos à Europa, José ganhou no navio um lulu da Pomerânia. Você nem era nascido –

presente do Desembargador Teixeira Neves, homem finíssimo... Trouxemos o bicho para a casa de Laranjeiras me lembro como se fosse hoje. José tomou muita amizade, eu também. E não é que morreu seis meses depois? Não teve jeito! O veterinário disse que foi o calor. José ficou inconsolável, me lembro como se fosse hoje. Então eu disse: “cachorro não quero mais!”. Morre. Coisa que morre não quero mais.

(Durante a fala, Conceição saiu do quarto e entrou silenciosamente na sala. Está pegando alguma coisa no aparador)

CONCEIÇÃO – Fala baixo, mamãe, senão Rodrigo ouve.

MOCINHA – Vem jogar uma parceria, minha filha... Faz esse favor para sua mãe! Não precisa jogar comigo. Jogamos eu e Pinheiro contra você e Orlando. Quer? *(A cena volta para a aula e para a luz básica do cenário)*

ADALGISA – Ah, Rodriguinho, o que você precisava era ir para o colégio, como os outros meninos da sua idade! Fazer amigos isto sim!

RODRIGO – Mamãe prefere que eu tome aula particular. E eu também prefiro.

ADALGISA – Sua mãe disse que é você que não quer ir para o colégio!

RODRIGO – É. Eu acho que a culpa é minha mesmo. Pelo menos foi. Logo depois que meu avô morreu – eu tinha

cinco anos – me botaram no colégio. Num colégio de freiras, Santa Rosa de Lima...

ADALGISA – Conheço!

RODRIGO – Eu não quis ficar não. Fiquei com saudades de mamãe, não sei, chorei a tarde inteira pedindo para voltar. E dizem que quando eu cheguei em casa fui até vovó e disse... Disse a ela que se meu avô fosse vivo ninguém ia me botar no colégio. Então ela chorou e me tiraram. Até hoje.

ADALGISA – Espertinho, hein?

RODRIGO – Quando eu entrar para o admissão eu vou para o colégio. Mas não sei se vou gostar não.

ADALGISA – Você é um menino tão sério para sua idade, Rodrigo! Posso te dar um beijo? Como se você fosse meu irmãozinho? (*Beija*)

RODRIGO – E a redação? Posso fazer sobre o infinito?

ADALGISA – Pode. Mas não vai ficar com medo de novo não?

RODRIGO – Não senhora. Não. E se eu ficar, fiquei. (*Nesse momento, ouve-se um som agudo*)

ADALGISA – Que foi isso?

RODRIGO – Não sei...

ADALGISA – Passarinho não foi. (*De novo o som. Depois, uma gargalhada e uma voz em falsete imitando um papagaio*)

VOZ – Gostosa!

ADALGISA – Você ouviu? É gente aí! No jardim!

RODRIGO – É, deve ser o ...

VOZ – Rodriguinho viado!... (*Rodrigo avança para o jardim*)

RODRIGO – Pára com isso, Ricardo! Eu sei que é você quem está aí! Não atrapalha que eu estou tendo au... (*A voz dá uma gargalhada indecente*) É meu primo Ricardo, Dona Adalgisa.

ADALGISA – Quem quer que esteja aí faça o favor de aparecer imediatamente!

VOZ – Ficou nervosa, bocetinha?

ADALGISA – Vamos, Rodrigo! Vamos chamar sua mãe! (*E saem*)

VOZ – Viado! Viado fujão... (*Surge Ricardo, garoto de 14 Anos, filho de Orlando e Maria Augusta. Pouco depois, entra Conceição, seguida de Adalgisa e Rodrigo*)

RICARDO – Bom dia, tia.

CONCEIÇÃO – Então é você mesmo, não é Ricardo? Interrompendo a aula de seu primo...

RICARDO – Brincando. Mamãe me deixou no portão. O portão estava sem chave, entrei, deixa eu dar um beijo na senhora? (*Beija Conceição*) Oi, primo.

CONCEIÇÃO – Precisa ver quem deixou o portão aberto. Agora pede desculpa à Dona Adalgisa que me disse que você falou até palavrão!

RICARDO – Desculpe, professora, desculpe. E você também, hem Drigo?

Ainda vai demorar a aula, professora? Que eu vim para brincar com o primo.

CONCEIÇÃO – Vamos lá dentro ver seu pai. Maria Augusta podia ao menos tocar, para alguém ir apanhar você no portão.

RICARDO – Ela tinha dentista.

CONCEIÇÃO – É, Maria Augusta está sempre muito ocupada. Você ficou bom da asma da semana passada?

RICARDO – Estou bem, tia.

CONCEIÇÃO – Pois é. Dando remédio cura. Seu pai está jogando buraco com sua avó. Melhor não recomeçar a aula não, Dona Adalgisa. Hoje é um dia confuso, aniversário de morte do papai eu devia até ter desmarcado. (*Para Rodrigo*) E seu pai está querendo usar a mesa que ele precisa fazer um trabalho.

ADALGISA – Sim senhora. (*Saem Conceição e Ricardo*). Então... você lembra a sua mãe que na sexta eu não posso vir, está bem? Por causa do casamento de minha prima, eu já falei com ela. (*Rodrigo assente*) Não gosto de faltar aula com você, principalmente que ia ser ciências... mas não posso deixar de ir ao casamento de minha prima... Então você diz à sua mãe que eu fui embora. E vai pra dentro.

RODRIGO – Sim senhora.

ADALGISA – Mas por que me chama de senhora? É Adalgisa... (*Sai*)

HENRIQUE (*Entrando com uns livros de contabilidade*) – Já acabou a aula?

RODRIGO – O senhor já voltou?

HENRIQUE – Eu não saí.

RODRIGO – O senhor não foi na rua ver se encontrava a Kittí?

HENRIQUE – Não. Você pensou que tivesse ido?

RODRIGO – Mamãe disse.

HENRIQUE – Que eu tinha ido?

RODRIGO – É.

HENRIQUE – Vou trabalhar um pouco na mesa. Você já terminou?

RODRIGO – Mas alguém precisa ir, meu pai! Ela pode ser atropelada, pode morrer! Já é quase noite!

CONCEIÇÃO (*Entrando*) – Deixa seu pai, menino. Que ele tem de fazer um trabalho que sua avó pediu.

RODRIGO – Mas a Kittí...

CONCEIÇÃO – Que preocupação com esta cachorra!

RODRIGO – Porque ela aqui não está, mãe, tem de estar na rua, a não ser que...

CONCEIÇÃO – Que o quê?

RODRIGO – Que ela tenha sido atropelada!

CONCEIÇÃO – Deixe de besteira, menino, se tivesse tido um atropelamento aqui na rua nós teríamos sabido! Vá brincar com seu primo e deixe seu pai trabalhar!

RODRIGO – Não vou! Eu vou sair na rua eu mesmo, para procurar a Kittí!

CONCEIÇÃO – Onde é que já se viu um menino sozinho na rua a essa hora?! E não grite com sua mãe! (*Rodrigo chora*) Pare com isso, menino! Por causa de uma cachorra! Vou te dar um calmante, isso sim!

RODRIGO – Não tomo, não tomo...

HENRIQUE – Conceição, deixa o menino.

CONCEIÇÃO – Não te mete, Henrique, deixa isso que eu resolvo. Pára de chorar, Rodrigo! Pára de chorar antes que eu te bata, detesto choro! Vou mandar agora mesmo a Iracema procurar, pronto está resolvido. Vai buscar a Iracema, vai! (*Rodrigo sai*) O que eu faço com esse menino? Ele vai ter um ataque quando souber que a cachorra morreu! Maldita hora em que deixei essa pequenezinha entrar aqui! Eu não queria!

HENRIQUE – Melhor dizer logo a verdade.

CONCEIÇÃO – E o escândalo? Mamãe tinha prometido a ele não botar mais naftalinas nos armários. Eu também prometi...

HENRIQUE – E não deviam ter posto mesmo, com cachorro em casa.

CONCEIÇÃO – Ora, Henrique, e quem é que vai impedir as traças dentro dos armários???

HENRIQUE – Não entendo disso.

CONCEIÇÃO – Então não se meta. (*Uma algazarra irrompe pela varanda. Or-*

lando corre atrás de seu filho Ricardo, para dar-lhe uma surra, de cinto na mão)

ORLANDO – Venha cá, menino! Venha cá! (*Ricardo zomba, ri, foge*). Vem cá, menino, que dessa vez você não escapa.

CONCEIÇÃO – Por amor de Deus, o que houve???

ORLANDO – Estende a mão para levar uns bolos!

RICARDO – Foi brincadeira, pai, foi engraçado.

ORLANDO – Vem cá, menino, senão vai apanhar de cinto!

CONCEIÇÃO – Calma, Orlando, olha os gritos! Mal seu filho chegou você já está brigando com ele?

RICARDO – Duvideodó.

CONCEIÇÃO – O que que ele fez?

ORLANDO – O que que ele fez? Botou gelo de novo por dentro da minha camisa, foi isso que ele fez! Está com mania de fazer isso, brincadeira idiota!

RICARDO – É engraçado, tia. Se a senhora visse a cara que ele faz quando sente o gelo...

ORLANDO – Me molha a calça toda, molhou o veludo da cadeira, mamãe reclama...

CONCEIÇÃO – Mas não é motivo!

ORLANDO – A última vez que esse menino fez essa brincadeira minha dor de cabeça só passou no dia seguinte! E

eu falei com ele para não fazer mais!
Vem cá menino!

CONCEIÇÃO – De cinto não, Orlando, pode machucar o menino...

RICARDO – Bobão, palhaço...(*Orlando acerta o rosto de Ricardo com o cinto*)

CONCEIÇÃO – Olha aí o que você fez!
Brutalidade!

ORLANDO – Pede desculpa a teu pai!

CONCEIÇÃO – Pede desculpa a ele, Ricardo.

RICARDO – Desculpa!

CONCEIÇÃO – Pronto, acabou. Agora veste esse cinto, Orlando. Ridículo isso. (*Para Ricardo*) Pronto, meu filho, vai brincar com seu primo. Rodrigo, vai brincar com ele. (*Entra Iracema*) Iracema, sai aí pelo quarteirão perguntando se alguém viu a Kitty.

IRACEMA – Sim senhora. (*Sai*)

RODRIGO – Posso ir com ela, mãe?

CONCEIÇÃO – Já disse que não! Mandei procurar com a condição de não se falar mais desse assunto! E o senhor vai brincar com seu primo no quarto dos fundos, sem fazer barulho! Porque chega de barulho! E logo hoje! Vai mostrar para seu primo a cocheira nova.

RICARDO – Vamos, Drigo...

CONCEIÇÃO – (*Para Ricardo*) Esta semana ele ganhou uma cocheira nova cheia de cavalinhos. (*Para Rodrigo*) Quando Iracema voltar eu chamo.

RODRIGO – Quero não. Prefiro ficar aqui. Com meu pai. Não atrapalho.

RICARDO – Deixa de ser chato, primo. Vamos brincar de pista. Quêê a pista?

CONCEIÇÃO – Está no galpão.

RODRIGO – Posso ficar vendo o senhor trabalhar, pai?

CONCEIÇÃO – Não pode não, porque chega de criança.

HENRIQUE – Vai brincar, meu filho. (*Rodrigo e Ricardo saem*)

CONCEIÇÃO – Fica numa agarrão conosco, este menino...

ORLANDO – O Ricardo me preocupa muito. Um problema!

CONCEIÇÃO – Exagero, Orlando. Você é muito bruto com ele. Filho de pais separados, tem problemas, claro. (*Fechando as janelas*) Precisa fechar tudo. A essa hora é uma mosquitada...

ORLANDO – Está demais.

HENRIQUE – Ricardinho está muito malcriado sim.

ORLANDO – Andaram havendo uns aborrecimentos.

CONCEIÇÃO – Com Ricardinho? Que foi?

ORLANDO – Maria Augusta, que não me telefona nunca, até pediu um encontro.

CONCEIÇÃO – E você foi?

ORLANDO – Fui.

CONCEIÇÃO – Como está ela?

ORLANDO – Bonita.

CONCEIÇÃO – Bonita sempre foi. Tímida, mas bonita. O que que tinha havido com Ricardinho? Estudos?

ORLANDO – Aborrecimentos com um colega do Colégio.

CONCEIÇÃO – Briga?

ORLANDO – Antes fosse. A Diretora do Colégio telefonou se queixando... Ricardinho foi pego no banheiro do colégio com um menino mais moço que ele. E parece que ele estava abusando do outro.

CONCEIÇÃO – Se eu fosse pai não admitia uma calúnia dessas contra meu filho! E depois que colégio é esse que não toma conta?! Precisa ver que colégio é esse, Orlando!

ORLANDO – Eu fui lá e conversei com o diretor. E os pais do tal menino...também falaram com Maria Augusta. Parece que é verdade, a iniciativa foi do Ricardo mesmo. Desagradabilíssimo.

CONCEIÇÃO – Isso pode ser até pretexto de Maria Augusta para ter encontros com você.

ORLANDO – Como se não bastasse mamãe, agora deu você de perseguir a pobre da Maria Augusta! Acontece muito na idade dele, Conceição. E Ricardo tem tudo para ser uma criança problema.

CONCEIÇÃO – Nem tanto. Ele tem um pai bom. E tem nós, a família.

ORLANDO – Eu resolvi te contar...porque ele brinca muito com Rodriguinho, achei que você tinha que saber. Bem, é melhor ficar atento.

CONCEIÇÃO – Chega, Orlando, Chega! Você parece louco. Que os outros insinuem coisas sobre seu filho, ainda vá lá, mas você próprio! Seu filho pode brincar com o meu tanto quanto quiser! Ao contrário, só pode ser bom para ambos! Afinal são primos!

ORLANDO – Louca é você, Conceição! Você e mamãe são iguais: só a família presta, o resto é vagabundo! (*Bebe*)

CONCEIÇÃO – Vou falar com mamãe e proibir de você beber uma gota de álcool aqui dentro de casa! Você está quase bêbado! Por isso é que bateu no menino de cinto. Se não tivesse bebido!

ORLANDO – Vá à merda, Conceição!

CONCEIÇÃO – Eu sou amiga de Maria Augusta desde os tempos de Sacre Coeur. Mas vamos e venhamos – uma mulher que expulsa o marido de casa...

ORLANDO – Mas fui eu que saí, Conceição, porque quis...

CONCEIÇÃO – ...seu marido de casa, sabendo que tem um filho que vai ficar sem pai, e numa casa que afinal foi comprada com seu dinheiro...

ORLANDO – Eu tinha uma amante!

CONCEIÇÃO – Não é motivo! Papai sempre teve amantes e mamãe sempre fingiu que não sabia!

ORLANDO – É absurdo demais.

CONCEIÇÃO – Onde é que você arranjou essa outra garrafa de vinho?

ORLANDO – Fui no botequim e comprei.

VOZ DE MOCINHA – Conceição! (*A luz mostra Mocinha dentro de casa, jogando Buraco com Pinheiro*) Conceição! (*A luz volta ao normal da varanda*)

ORLANDO – Vá lá, irmã. Dessa partida você não escapa. Eu estou de descanso: minha dor de cabeça...

VOZ DE MOCINHA – Conceição... (*Conceição sai. Orlando está com a cabeça entre as mãos*)

HENRIQUE – Te dói ainda essa cabeça?

ORLANDO – Quase o tempo todo.

HENRIQUE – Que diz o médico?

ORLANDO – Não fui ao médico.

HENRIQUE – Por quê?

ORLANDO – Prefiro agüentar a dor de cabeça que o médico. Papai morreu de câncer na boca. Vai ver que o meu é na cabeça.

HENRIQUE – Essas coisa não se diz, Orlando.

ORLANDO – Estou brincando. (*Cantam as cigarras*) Não está escuro para escrever?

HENRIQUE – É.

ORLANDO – Quando eu era criança achava que ia ter uma vida formidável. Mamãe não chateava muito e o colégio interno era divertido. Depois continuei

achando que ia ter uma vida formidável... Rapaz de boa família, dinheiro no bolso, bonito, pau grande...O velho José, sabe que era bom sujeito? O melhor dessa família. Pau grande também. Tenho irmão por aí que eu nem conheço...

HENRIQUE – Então não sei...

ORLANDO – Depois estudei boxe (*Bebe*) E dancei tango. Uma coisa que eu fiz bem nessa vida – agora estou fora de forma – é dançar tango. Com as putas. Mas também não fui feliz com as putas. E a roleta naturalmente! Não perdôo aquele imbecil que fechou o jogo! (*Bebe*) Perdi e ganhei muito dinheiro! Um dia levei uma bofetada de papai, no meio da cara, por causa do jogo! Depois casei com Maria Augusta.

HENRIQUE – Foi um erro seu, abandonar o lar.

ORLANDO – Boa pessoa, Maria Augusta. E sabe, Henrique, que é boa de cama? Não parece. Mas é.

HENRIQUE – Controle-se, Orlando, você tem cada uma!

ORLANDO – As mulheres tem duas vocações. Todas são putas e todas são mães.

HENRIQUE – Olha o palavrão...se Dona Mocinha escuta...

ORLANDO – Tem puta de muitos homens e puta de um homem só. Essa é a grande diferença. Quando nós éramos meninos

nós tínhamos uma governanta que todo mundo comia. Onofre, eu e os colegas do Liceu. Na dispensa. Nós éramos pequenos, 12, 13 anos. Um dia entraram uns 3 debaixo da saia dela. A mulher ria...e na frente de mamãe era sereníssima.

HENRIQUE – Molecagem...

ORLANDO – Ela me dizia: tão pequenino com o pau tão grande...E eu gostava! Fiquei um bocado triste quando mamãe mandou ela embora.

HENRIQUE – Dona Mocinha ficava com ciúme era de seu José.

ORLANDO – O maior pau era o dele... Henrique, já está completamente escuro, você ainda está vendo alguma coisa? Não sei como você agüenta trabalhar, eu não trabalho mais. Peço dinheiro a mamãe, afinal vai ser meu dinheiro.

HENRIQUE – Fala baixo, Orlando. E dá licença, eu preciso terminar isso.

ORLANDO – Quando nasceu o Ricardo eu fiquei feliz. Logo depois conheci Ângela.

HENRIQUE – Tem tido notícias?

ORLANDO – Está morando em Curitiba. Dizem que tem um homem.

HENRIQUE – Normal.

ORLANDO – Uma puta. Mas foi minha grande paixão. Presta atenção aí pra ver se vem alguém, Henrique, que eu estou com vontade de mijar e se eu for ao

banheiro lá dentro mamãe me pega para outra partida. Puta honesta. Ângela é uma puta honesta. Comigo foi honesta.

HENRIQUE – Ela é uma boa pessoa.

ORLANDO – Dançava bem o tango... Era uma fêmea de verdade. Se eu tivesse tido coragem de casar com ela no Uruguai... aí talvez tivesse tido a tal vida formidável.

HENRIQUE – Você não podia fazer isso.

ORLANDO – Por causa do dinheiro. Quando mamãe ameaçou tirar a herança, eu contemporei. Foi meu erro. Maria Augusta até as nove horas, Ângela depois das nove horas... Ela ficava me esperando no poste, na esquina da minha casa!... E Maria Augusta sabendo.

HENRIQUE – Horrível.

ORLANDO – Eu todo tempo sabia que ela acabaria me dando um pontapé na bunda. Bonita demais... Pra ficar esperando no poste.

HENRIQUE – Mas depois que ela foi definitivo para o Rio Grande que necessidade você tinha de se separar de Maria Augusta? Aí sim, foi seu erro. Foi a bebida, foi descontrole. *(Faz contas)* Falta sempre dinheiro nessa conta! Não fecha o ativo com o passivo... Não sei onde estou errando...

ORLANDO – Adios pampa mia me voy a tierras extrañas...Adios, caminos que he recorrido

Rios, montes y canadas...Tapera donde ho nascido...*(Entra Dona Mocinha)*

DONA MOCINHA – Vai dormir no sofá, meu filho, que você bebeu vinho demais. Esse vinho dá muito sono. Na hora do Lacerda eu te acordo. Ou senão vai ver um pouco de televisão. Conceição e Pinheiro estão vendo.

ORLANDO – O quê?

MOCINHA – Desenho animado.

ORLANDO – Eu gosto.

MOCINHA – E não deixa ninguém vir cá não, que eu quero falar com Henrique um assunto.

(Orlando sai. Mocinha fecha as portas que dão para dentro. Tem uns papéis na mão) Fez a lista?

HENRIQUE – Sim senhora. Está pronta.

MOCINHA – Marcou as escrituras perdidas?

HENRIQUE – É só um instante. *(Marca às pressas. Mocinha confere, olha os papéis que trouxe)*

MOCINHA – É. É isso mesmo.

HENRIQUE – Que papéis são...

MOCINHA – As escrituras, Henrique: que mais poderia ser?!

HENRIQUE – Mas como é que a senhora...

MOCINHA – Não é da sua conta e pára de me tratar como se eu fosse uma idiota!

HENRIQUE – Dona Mocinha!

MOCINHA – Eu sempre disse a José que achava muito perigoso receber um rapaz sem tostão na família. Mas em você

achei que era possível confiar. Me enganei!

HENRIQUE – Dona Mocinha, eu não...

MOCINHA – Como não, Henrique? Você vende meus apartamentos sem me consultar, mete o pau no meu dinheiro e ainda me vem com “não”? Tem graça. Sabia que se José fosse vivo era capaz de te botar na cadeia! Sua sorte é que eu não gosto de escândalo!

HENRIQUE – Dona Mocinha, eu explico, pelo amor de Deus!

* * *

TERCEIRO ATO

HENRIQUE – Dona Mocinha, por amor de Deus!

MOCINHA – Não venha com drama, Henrique. (*Toca uma campainha*)

HENRIQUE – Confesso que vendi os apartamentos, mas o dinheiro está bem guardado!

MOCINHA – Onde? Em que banco?

HENRIQUE – Não propriamente no banco, mas...

MOCINHA – Chega de mentiras, meu filho. Você está até gaguejando. Coisa feia um homem gaguejando.

HENRIQUE – Eu negociei. Com lucro! Comprei terrenos, para especulação...

MOCINHA – Terrenos onde? No Rio?

HENRIQUE – No Leblon, que é a zona de maior valorização...

MOCINHA – Leblon, Henrique! Quer dizer que você jogou meu dinheiro pela janela! Porque o Leblon é o fim do mundo! Em questões de dinheiro não se pode confiar em ninguém. Eu é que fui burra.

HENRIQUE – Dona Mocinha, eu não traí sua confiança! Eu preferia... qualquer coisa a lhe faltar a confiança! Na qualidade de procurador...

CONCEIÇÃO (*Entrando*) – Onofre telefona todo dia te chamando de ladrão para baixo, Cristina fica de indiretinhas, todo mundo sabe que você vendeu os apartamentos de mamãe sem a permissão dela, e botou o dinheiro em seu nome, e você diz que foi um mal entendido! Vergonha, Henrique, vergonha!

MOCINHA – Quero deixar bem claro um ponto. Eu considero normais essas coisas. Inclusive já estou a par de tudo desde ontem. A pedido meu Pinheiro descobriu tudo.

HENRIQUE – A senhora expôs meu nome, Dona Mocinha, diante de pessoas que nem da família são...

MOCINHA – ... e não falei antes para não estragar o dia de hoje, que afinal é um dia triste. Não quero que se faça uma tempestade num copo d'água. Não nasci ontem, sei que é humano você usar o meu dinheiro em benefício próprio. Desde que seja em pequenas quanti-

dades! E de qualquer modo os meus bens estão melhor administrados na sua mão que nas suas mãos de um estranho – porque em Onofre eu não confio; e Cristina é mulher. Pelo menos vocês moram comigo, estão perto, têm obrigações. Quando José morreu... E vocês resolveram vender a casa da Prudente de Moraes para vir morar comigo, eu achei um gesto bonito. Não tinha cabimento eu morar sozinha neste casarão. Porque você não tinha nada, Henrique, não era ninguém quando quis entrar para nossa família – nunca se esqueça disso. Foi José quem decidiu. Gostou de você! E isso para mim sempre bastou!

HENRIQUE – A senhora julgue como quiser, Dona Mocinha.

MOCINHA – Não gostei do seu tom de voz!

HENRIQUE – Se a senhora está insinuando que nós moramos aqui por interesse financeiro, então julgue como quiser! Mas saiba que um homem, que tem uma mulher e um filho, por mais humilde que seja, quer ter também a sua própria casa!

MOCINHA – E por acaso já lhe faltou alguma coisa aqui dentro? E por acaso eu não lhe trato como um filho? O senhor não me levante a voz, que comigo não se levanta a voz, nem brincando!!!

CONCEIÇÃO – Mamãe tem razão, Henrique! E ela não pode ficar nervosa!

MOCINHA – É, mas deixa. E agora sai um instantinho que eu estou conversando com seu marido. Não vai interromper o buraco. *(Conceição sai)* A primeira providência é acabar com a procuração. Não quero você assinando mais nada. Quer dizer, para receber, pode. Vender, não.

HENRIQUE – Dona Mocinha, a senhora... me ofende. Eu tenho direito a uma explicação.

MOCINHA – Então explique-se!

HENRIQUE – Eu lhe asseguro, sob minha palavra de honra, que os terrenos comprados no Leblon serão devidamente revendidos, e que o negócio terá um lucro espetacular! E eu... me considero pessoalmente responsável por qualquer prejuízo que porventura pudesse haver, mas que não haverá. *(Conceição reaparece, estava ouvindo atrás da porta)*

CONCEIÇÃO – A responsabilidade é nossa, mamãe! Qualquer coisa que haja, eu vendo minha casa de Laranjeiras e lhe reembolso!

HENRIQUE – Conceição!

MOCINHA – Você estava ouvindo atrás da porta, Conceição? Não admito isso! Então não posso mais ter nem uma conversa particular dentro da minha casa?

HENRIQUE – Foi tudo um mal entendido... Todo homem tem seu limite,

Dona Mocinha. E a senhora é uma pessoa muito egoísta. *(Faz menção de sair)*

MOCINHA – Onde é que vai? *(Henrique pára)* Amanhã não, que eu tenho manicure. Mas na sexta-feira pela manhã eu vou com o senhor a um cartório, desfazer pessoalmente a procuração que lhe passei para cuidar dos negócios. Conceição. *(Para Henrique)* Retire-se imediatamente de minha casa! *(E vai indo em direção à casa, seguida de Conceição)* Ingrato, minha filha, além de desonesto! Ingratidão não agüento! E ainda por cima hoje, aniversário de morte de José mas não pense, minha filha que só porque seu pai morreu eu não sei me defender! *(Sai)*

CONCEIÇÃO – Henrique, o que que você fez!? Você... precisa pedir perdão à mamãe!

HENRIQUE – Não posso ficar aqui nem mais um segundo!

CONCEIÇÃO – Mas para onde você vai a essa hora? Você não tem pra onde ir!

HENRIQUE – Se você quiser, que venha comigo. *(Sai correndo em direção à rua. Conceição hesita, mas logo entra em casa. Surgem Ricardo e Rodrigo)*

RICARDO – O pique é aqui! Mas se você estiver no pique, eu contar até dez e você não sair, eu posso te dar um peteleco!

RODRIGO – Não! Eu não quero mais brincar não.

RICARDO – Então vamos jogar bola?

RODRIGO – Quero não, já disse que não quero brincar! *(Vai pegar seu tabuleiro de xadrez)*

RICARDO – Tá bem, tá bem... Não precisa ficar zangado. Melhor lugar desta casa é aquele galpão dos fundos.

RODRIGO – Mamãe não gosta que ninguém brinque lá. É só para guardar coisas.

(Move uma peça do jogo que botou em cima da mesa)

RICARDO – Ué. Tá jogando sozinho?

RODRIGO – Estou estudando uma partida.

RICARDO – Sozinho?

RODRIGO – Xadrez a gente estuda. Eu tenho um livro.

RICARDO – *(Pegando um peão)* Me ensina: isso é o quê?

RODRIGO – É um peão.

RICARDO – Para mim parece sabe o quê? Birro de criança! Birro! Pra mim xadrez é jogo de viado.

RODRIGO – Não quer aprender não precisa.

RICARDO – E tem uma porção, hem? Você não enfia isso no cu, não? Acho que você enfia isso no cu!

RODRIGO – Você desarrumou a partida toda!

RICARDO – E daí? Vamos jogar bola?

RODRIGO – Não quero! Vou lá para dentro!

RICARDO – *(Agarrando-o pelo braço)* Se não jogar leva porrada!

RODRIGO – Vou chamar mamãe!

RICARDO – Quem chama mãe é viado!

RODRIGO – Você tem mania disso, de chamar os outros de viado!

RICARDO – Só chamo quem tem boa bunda, assim como você! Boa bunda, boa bunda...

(Corre atrás de Rodrigo tentando passar a mão na bunda dele) Vou passar a mão na sua bunda sim. Quer ver? *(A luz se apaga no primeiro plano. Vemos o interior da sala, onde Mocinha voltou a jogar cartas com Pinheiro. Televisão ligada. Conceição pinga gotas de um calmante para a mãe tomar).*

PINHEIRO – Se me chamam estou sempre pronto. *(Ri)* E Dona Mocinha é incansável! É capaz de jogar cinco, seis partidas...

MOCINHA – Assim esqueço!

CONCEIÇÃO – Mas o senhor de vez em quando cansa. Já lhe vi bocejar. *(Entrega o copo à mãe)*

PINHEIRO – Bocejo mas não canso.

MOCINHA – Trinta gotas? *(Bebe)*

PINHEIRO – Para vencer Dona Mocinha é preciso esperteza... e paciência. A esperteza não tenho, mas venço na paciência.

MOCINHA – Não fica nervosa não, minha filha. Toma você também o Passiflorine. Ele volta...

PINHEIRO – Ele quem?

MOCINHA – Ninguém, Pinheiro, ninguém. *(A luz volta para a varanda. Ricardo agarra Rodrigo, torce-lhe o braço e passa-lhe ostensivamente a mão na bunda)*

RICARDO – *(Largando)* Pronto, passei! *(Cheira a mão fingindo mau cheiro e ri debochado)*

RODRIGO – Vou dizer à vovó pra não deixar mais você vir aqui.

RICARDO – Se disser leva porrada. E vovó me adora. Fiquei zangado porque você não quis jogar comigo. Não posso jogar bola sozinho... e aqui tem quintal, porque que você não quer jogar bola comigo? É porque não gosta de mim?

RODRIGO – Minha calça é branca. Vai sujar. Outro dia eu jogo.

RICARDO – Calça branca é coisa de viado. Tudo quanto é viado que eu conheço usa calça branca. *(Tempo)* Vamos catar as peças. Te ajudo a catar as peças. *(Os dois se olham)* *A luz mostra agora a o sala e o quarto de Conceição. Na sala Mocinha joga com Pinheiro. No quarto, Conceição está muito nervosa. Na penumbra do primeiro plano, os meninos catam as peças do xadrez)*

MOCINHA – José não gostava do jogo. Preferia ler o jornal. E não me deixava fazer nada enquanto lia! Eu tinha de ficar ali, no lado. No máximo costurar, mas não gostei nunca de costurar. E toda

tarde trazia um presentinho. Qualquer coisa para mim, qualquer coisa para Rodrigo. Pra o menino as balas de coco, para mim as amêndoas recobertas... *(No quarto, batem à porta. Conceição abre: é Manoel)*

MANOEL – A senhora chamou?

CONCEIÇÃO – Manoel, sai por aí... Dá uma volta no quarteirão e vê se acha Henrique. Ele saiu sem carro. Deve ter ido dar uma volta.

MANOEL – E se eu achar digo o quê?

CONCEIÇÃO – Diga para voltar!?! *(Sala e quarto se apagam. Luz apenas na varanda)*

RICARDO – Você viu eles sim, não mente... Eu vi titia contando a papai que você tinha visto eles...

RODRIGO – É.

RICARDO – Então conta! Estavam fazendo sacanagem?

RODRIGO – Estavam namorando no galpão.

RICARDO – Como? Fazendo o quê?

RODRIGO – Sacanagem.

RICARDO – E você ficou olhando? E ele tirou a roupa dela? Você viu os peitos dela?

RODRIGO – Não vi. Estava escuro.

RICARDO – E você bateu uma punheta?

RODRIGO – Eu não bato punheta não!

RICARDO – Eu já vi até titia contar que te pegou no banheiro, batendo punheta!... Eu sei que o teu pauzinho é desse

tamanhinho, mas já sai esporra dele, não sai? Uma gotinha, mas sai, não sai?

RODRIGO – Como é que você sabe?

RICARDO – Vamos no banheiro pra você me mostrar seu pirulito. Vamos no galpão nos fundos!

RODRIGO – De jeito nenhum!

RICARDO – Que que tem? Vou te ensinar umas coisas, que que tem? Eu sou mais velho. Vou te ensinar.

RODRIGO – Não quero não. Eu vou jogar xadrez sozinho.

RICARDO – Tá vendo??? É viado! Que quem não quer aprender sacanagem é viado!

RODRIGO – Não sou viado!

RICARDO – Precisa chorar não... Você é tão bobo que aposto que nem sabe o que é viado...

(Por trás deles, no escuro do jardim, Manoel aparece e ri)

MANOEL – Puxa, mas que conversa, hem? Se Dona Conceição ouve...

RODRIGO – Seu Manoel...

MANOEL – ... mas eu não vou contar para ela não. Já fui menino. Na idade de vocês eu era doido por uma sacanagem. Ainda sou. *(Entra Iracema)*

RODRIGO – Iracema!

MANOEL – Você estava na rua?

IRACEMA – Dona Conceição me mandou sair para procurar a cachorra. Veja que maluquice. Eu fui...

RODRIGO – E não achou? Ninguém viu ela?

RICARDO – Verdade que vocês dois vão casar?

MANOEL – Vamos. Quem lhe disse?

RICARDO – O Rodrigo! Disse que viu vocês dois fazendo sacanagem.

RODRIGO – Eu não vi nada.

MANOEL – Menino, você pare de contar essas coisas para todo mundo. Ficou nos olhando escondido.

RODRIGO – Vocês deixaram eu espiar! Até abriram mais a janela! Iracema...

MANOEL – Vou ter que sair. Quando você vinha não encontrou seu Henrique?

IRACEMA – Vi. Ele estava lá no botequim da esquina.

MANOEL – Bebendo?

IRACEMA – Não. Numa mesa do fundo, escrevendo uma coisa. Eu estranhei...

RICARDO – Ele disse que viu seus peitos.

IRACEMA – Cala a boca, menino safado.

MANOEL – De qualquer modo vou lá chamar.

RODRIGO – Você foi até aonde, Iracema? Procurou no quarteirão todo?

IRACEMA – Fui, seu Rodrigo. Esta sua cachorra não vai aparecer mais não, melhor o senhor esquecer ela.

RODRIGO – Vai aparecer sim, Iracema! *(Ricardo segreda algo no ouvido de Manoel)*

MANOEL – Iracema, este sem-vergonha está perguntando se também pode ver seu peito, e que paga se você mostrar!

IRACEMA – Olha a confiança, que eu não sou dessas. Vou lá dentro e conto tudo a sua avó. Sou empregada mas não sou vagabunda! *(Ricardo tenta passar a mão nela e leva um tapa)*

MANOEL – Pare seu Ricardo, que a madame se zangou. E quando ela se zanga, podemos até levar uma surra...

RICARDO – Posso ir na rua com você?

MANOEL – Por mim pode, mas não é melhor pedir licença?

RICARDO – Minha mãe deixa eu ir até a esquina sozinho.

MANOEL – Então vamos. *(Saem)*

IRACEMA – Não precisa ficar assim, seu Rodriguinho. Eu também gostava muito da cachorra. Ela dormia comigo.

RODRIGO – Vovó mandou ela embora – não foi isso? Vovó não gostava porque ela fazia xixi na casa, e mandou ela embora. E não querem dizer pra mim. Não é isso?

IRACEMA – Não é não. Eu vou lhe dizer a verdade, seu Rodriguinho... Mas o senhor tem de jurar por Deus e pela saúde de sua mãe que não diz que fui eu que lhe disse!

RODRIGO – Eu juro.

IRACEMA – A cachorrinha morreu.

RODRIGO – Como?

IRACEMA – Ah, isso eu não vou lhe contar não senhor. Que diferença faz?

RODRIGO – Eu preciso saber.

IRACEMA – Ela comeu as naftalinas que sua avó botou no armário do quarto de vestir. Enquanto vocês todos iam no cemitério. E morreu logo. Mas o senhor nunca diga a sua mãe ou a sua avó que fui quem lhe disse.

RODRIGO – É mentira. Está todo mundo mentindo para mim. Vovó mandou ela embora.

IRACEMA – Eu lhe contei a verdade. *(Sai. Luz na mesa de jogo, Mocinha e Pinheiro. Numa poltrona, Conceição)*

MOCINHA – Nos meus tempos é que se sabia amar! Hoje são ninharias! Antes de ficar noiva de José, eu só conhecia ele de janela, e olhe lá! José ficava no muro que tinha em frente à casa do Flamengo, onde nós morávamos. Encostado no muro, olhando, eu sabendo que ele gostava de mim. Depois ele me contou que um dia tinha me visto de dia – mas eu nunca tinha visto ele de dia. Ele tinha mandado recado, bilhete dizendo que queria me conhecer, isso tinha. Mas papai é claro que não queria que eu casasse: meu pai adorava! Ah, papai! Aquilo sim, é que era um homem – pena, Conceição, pena que você tenha conhecido tão pouco o seu avô! Que figura! Que dignidade! Montava o cavalo melhor que qualquer peão! Era

tão querido dos escravos, Pinheiro, que, quando veio a abolição todos ficaram! Não teve um que fosse embora, adoravam meu pai! *(A cena volta para o jardim. Rodrigo tem as mãos no coração)*

RODRIGO – Senhor meu Deus. Eu nunca peço nada – a não ser saúde para todos. Nunca fiz nenhuma promessa. E os meus pecados... É que às vezes não acredito. Senhor meu Deus, se a Kitty não tiver morrido, mesmo que vovó nunca mais deixe ela voltar, eu vou rezar dez Ave-Marias todos os dias na hora de acordar e na hora de dormir, e nos próximos seis meses não abro pra ler nem um livro de histórias, nem Gibi, nem nada, só livros de estudo. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres... *(Continua rezando baixinho. Surge Henrique)*

HENRIQUE – Psiu...

RODRIGO – Pai?

HENRIQUE – Sua mãe está lá dentro?

RODRIGO – Está na sala com vovó.

HENRIQUE – É que seu pai vai viajar.

RODRIGO – Quando?

HENRIQUE – Hoje.

RODRIGO – Demora pai?

HENRIQUE – Uns dias.

RODRIGO – O senhor está chorando?

HENRIQUE – Resfriado. Queria que você entregasse isso à sua mãe. *(É uma carta)*

RODRIGO – Por que o senhor não entrega, pai?

HENRIQUE – Prefiro que você entregue.

RODRIGO – E a Kitty, meu pai? Morreu? Morreu mesmo? Ou não?

HENRIQUE – Ainda não te contaram, meu filho?

RODRIGO – Me contaram que ela morreu! Mas não foi mamãe nem vovó que contaram! E enquanto eu não ouvir delas, não acredito. Ou do senhor, pai!

HENRIQUE – A mim também me disseram que ela tinha morrido. Mas nesta casa se mente tanto... que também não sei. Você tem de perguntar à sua mãe. *(Rodrigo faz menção de sair)* Eu gostaria que você fosse comigo, na viagem que eu vou fazer.

RODRIGO – Me larga, pai! *(E sai. Pára diante da mesa de jogo)*

MOCINHA – Que foi menino?

RODRIGO – Mãe, eu tenho um assunto sério para falar com a senhora.

CONCEIÇÃO – Assunto sério? Deixa de bobagem, menino. Que é isso em sua mão?

RODRIGO – Preciso falar com a senhora, em particular.

CONCEIÇÃO – Que é isso, Rodrigo? Isto são modos?

MOCINHA – Menino lá tem assunto particular?

CONCEIÇÃO – Deixa, mamãe: vamos ver o que é isso. Entra para o quarto. *(Saem)*

MOCINHA – Ah, se filho meu falasse assim!...

PINHEIRO – Os tempos mudaram, Dona Mocinha. Em meus tempos de rapaz, quando eu era delegado em Barra do Pirai... (*Mocinha faz sinal para que ele se cale, pois quer ouvir a conversa no quarto ao lado*)

RODRIGO – Papai mandou entregar.

CONCEIÇÃO – Quêde ele?

RODRIGO – Está no jardim. (*Conceição abre a carta*)

RODRIGO – Mãe! A Iracema não encontrou a Kittí. E eu quero saber o que aconteceu. Foi vovó que mandou ela embora, não foi???

CONCEIÇÃO – Pára com esse nervosismo. A Kittí morreu, sua avó não tem nada com isso. Não contei para você não ficar nervoso, afinal hoje é aniversário de morte de seu avô. O portão ficou aberto – sabe como ela tinha mania de sair – passou um carro e pegou. Morreu na hora. Mandeí enterrar longe. Morreu, pronto, não fala mais nisso. E agora deixa sua mãe ler. (LÊ) Depois...quem sabe não se fala com sua avó e não se compra outro cachorro. Eu falo com ela...Vai brincar, vai. Pede a Iracema pra te dar um pouco de água com açúcar.

(*Rodrigo sai e vai até a mesa de jogo*)

RODRIGO – Minha avó: eu quero que a senhora me jure pela alma de meu avô que a senhora não mandou a Kittí embora, que ela morreu mesmo!

CONCEIÇÃO – Rodrigo, o que é isso?!

RODRIGO – Mamãe está dizendo que ela foi atropelada, e eu sei que é mentira! Eu sei quando a senhora mente!

CONCEIÇÃO – E desde quando sua mãe mente? Vá para o seu quarto se não quiser apanhar!

RODRIGO – Se a senhora gosta de mim, minha avó, me responda pelo amor que meu avô tinha, me responda!

CONCEIÇÃO – Rodrigo, sua mãe não ia mentir para você. Ele está pensando que a senhora mandou a cachorra embora, mamãe, não sei quem meteu isso na cabeça dele. Mas deixa que eu resolvo. Eu também gostava da Kittí, filho, todo mundo aqui gostava. Foi alguém que deixou o portão aberto, deve ter sido nós mesmos quando saímos para o cemitério. Ela fugiu, um carro pegou, eu mandei o Manoel enterrar.

RODRIGO – É verdade, minha avó?

MOCINHA – Se a sua mãe está dizendo que é, é porque é.

RODRIGO – E onde? Onde enterraram?

CONCEIÇÃO – Chega de perguntas, Rodrigo!

RODRIGO – Eu quero saber! Eu quero saber onde é que ela foi enterrada, eu

quero ir lá! Iracema! Seu Manoel! Vem cá! Vem cá!

MOCINHA – Conceição, olha o escândalo! Esse menino está doente – por causa de uma cachorra? (*Iracema e seu Manoel aparecem no jardim. Henrique se esconde atrás de uma árvore. Conceição consegue agarrar o menino*)

RODRIGO – Me larga! Iracema! É verdade que a Kittí morreu atropelada e que você e seu Manoel foram enterrar ela? Responde! (*Chora*)

MOCINHA – Dá um calmante para esse menino, Conceição! Olha como ele está!

RODRIGO – Eu não acredito. Eu não acredito em nenhum de vocês. Em ninguém nesta casa. Se meu avô fosse vivo vocês não faziam isso comigo!

MOCINHA – Cala a boca, menino! Que gritaria é essa dentro de casa, onde é que nós estamos? Arranja outra cachorra pra ele, Conceição, mas acaba com essa gritaria dentro de casa! Mas que a outra não passe do jardim, até hoje meu tapete da sala de visita está manchado de xixi dessa Kittí! Vamos voltar para nosso jogo, Pinheiro. Não se tem sossego, nem num dia como o de hoje. (*Sai com Pinheiro*)

RODRIGO – Mãezinha, me ajuda! Eu não sei mais o que está certo e o que está errado!

CONCEIÇÃO – Você está sentindo alguma coisa, Rodrigo?! Traz um café, Iracema, que ele está pálido!

IRACEMA – Sim senhora. *(Sai)*

MANOEL – Dona Conceição, a senhora dá licença... o menino gosta muito de mim, deixa eu falar com ele?

CONCEIÇÃO – Olha o que vai dizer *(E se afasta um pouco)*

MANOEL – Seu Rodriguinho, sua mãe está dizendo que a bichinha foi atropelada, então é porque foi...

RODRIGO – Mas a Iracema disse que ela comeu naftalina que vovó pôs nos armários...

MANOEL – Ela disse isso, é? *(Pensa)* Dona Conceição sabe que ela lhe disse isso?

RODRIGO – Sabe não.

MANOEL – Então não deixa ela saber, por amor de Deus. Senão nós somos despedidos. E precisamos desse emprego! E que diferença faz para o senhor, as naftalinas ou o automóvel? Foram as naftalinas sim senhor. A bichinha comeu as naftalinas do armário da copa. Mas finja que acredite na sua mãe, por amor de Deus – que diferença lhe faz?

CONCEIÇÃO – E então? Chega. O que vocês tanto falam? Está se sentindo melhor, meu filho?

MANOEL – Eu estava explicando a ele como a cachorra foi atropelada, Dona Conceição.

CONCEIÇÃO – Viu agora, Rodrigo? Você duvida da sua mãe. Mas ela não mente! *(Iracema chega com o café. Rodrigo cambaleia e cai desmaiado)*

CONCEIÇÃO – Rodrigo! Rodrigo! Levanta! Meu Deus do céu, Rodrigo desmaiou, um médico...*(Para Iracema)* O que você está me olhando com essa cara de idiota, ajuda aqui... *(Confusão)* Larga, seu Manoel! Deixa que eu pego! Pronto! Iracema, vê um pano molhado com água, olha, a cor está voltando. Mas não encharca o pano! Minha Nossa Senhora, a quem este menino saiu assim tão nervoso? Acorda, Rodrigo, senão eu fico louca! *(Carregando o filho)* Vamos carregar para o meu quarto seu Manoel – o pulso está bom – mas pelo outro lado que é para mamãe não ver, que ela não tem mais idade para estes sustos! E o senhor, seu Manoel, nunca, nunca diga a Rodrigo que a cachorra comeu naftalinas: ele tem nervos fracos! Olhe está suando frio! Ele é sensível como o avô, papai era muito sensível, mais papai era forte! *(Colocam Rodrigo na cama do quarto de Conceição)*

CONCEIÇÃO – Ele já está mais corado, não há de ser nada com a graça de Deus! Um desmaio, depois acorda, distrai, esquece! Ah, Iracema, ser mãe é isso!!! Nunca queira ser mãe! Eu estou em frangalhos por causa dessa bobagem dessa cachorra! Eu sabia! Ele beijava

até na boca dessa cachorra! Pronto, está voltando...! Bebe aqui, meu filho, bebe. Coramina, cinco gotas, Manoel, pergunta à mamãe onde está a coramina. Não! Não pergunta nada, para ela não se preocupar!

RODRIGO – Fiquei tonto. Eu caí no chão?

CONCEIÇÃO – Caiu, meu filho! Tropeçou e caiu! Podia ter se machucado!

RODRIGO – Fiquei tonto.

CONCEIÇÃO – Ainda está?

RODRIGO – Passou.

CONCEIÇÃO – Eu vou lhe dar um outro cachorro, juro. Aquelas miniaturas. Eu falo com sua avó. Aquelas miniaturas quase não sujaram.

RODRIGO – Não quero não.

CONCEIÇÃO – Está melhor da tonteira?

RODRIGO – Passou.

CONCEIÇÃO – Com a graça de Santa Edwiges! Que dia, meu Deus, que dia! Agora dorme um pouco. Vá. Descansa, eu vou apagar a luz. Mas deixo o abajur. Eu fico aqui com você. Descansa. *(Apaga a luz. Deixa o abajur na cabeceira. Luz em Mocinha, que vem do fundo da casa seguida de Ricardo e Pinheiro)*

RICARDO – *(Na TV)* Deixa que eu ligo, vó.

MOCINHA – ...E eu não ia na janela, para papai não desconfiar, mas sabia perfeitamente que José estava no muro! E quando, depois do jantar, papai man-

dava eu tocar piano, eu tocava e até muito bem... Hoje, se me derem um piano, não sei nem mais uma nota! Tocava poucas músicas, mas muito bem! Como papai gostava... *(No quarto, Conceição lê a carta de Henrique. No jardim, o vulto dele é visto)*

MOCINHA – *(Sentando-se diante da TV)* Que tempos! Era tudo tão quieto... E no entanto acontecia tanta coisa! Papai sabia que, se ele dormisse, eu ia para a janela! Então pedia para eu ficar repetindo, cinco, dez vezes a mesma música! E José no muro, ouvindo. Eu tocava uma valsa, muito bonita... até outro dia eu tinha guardado a partitura, mas na última arrumação procurei e não achei. Conceição!

PINHEIRO – Acho que dona Conceição está no quarto.

RICARDO – Está sim.

MOCINHA – Tira o som dessa porcaria, menino. Só quero som quando começar o Lacerda, e ainda falta muito. Onde está seu pai?

RICARDO – Continua dormindo na cama da senhora, vó.

MOCINHA – Então vai lá, filho, e acorda. Diz a ele pra vir comer um beiju de tapioca, ele gosta. E quando você passar pela cozinha, manda esquentar. E diz a ele para vir logo, que essa hora a casa fica tão vazia... Se não fosse pelo nosso buraco, Pinheiro, eu acho que me inter-

nava num asilo... Veja, numa data dessas, e ninguém aqui! Cristina, Onofre, as crianças... Houve tempo nesta casa que, normalmente para jantar, eram vinte pessoas...

PINHEIRO – Tudo passa, é assim mesmo. Mesmo casas como essa da senhora, já são poucas no Rio.

MOCINHA – Mas ainda vou achar aquela partitura! Se é que ninguém levou. Muita coisa se perdeu na mudança! Eu sempre tranco os armários; mas... a valsa chamava-se “Súplicas de Uma Virgem”! Era isso : “Súplicas de Uma Virgem”.

PINHEIRO – Acho que ouvi quando era rapaz.

MOCINHA – Será, Pinheiro? Um dia José saiu do muro... E pediu a minha mão. Papai tomou as informações, viu que José, apesar de pobre, era trabalhador e concedeu. Depois José fez fortuna. Com fábrica de barbantes. Papai perdeu dinheiro... E José ficou rico.

PINHEIRO – São as voltas do mundo.

MOCINHA – Quando olhei José de perto pela primeira vez, Pinheiro, já era noiva dele! Era muito mais bonito do que eu pensava. Uns bigodões... E que olhos! Como os de Rodriguinho, Rodriguinho puxou a ele. *(Conceição leu a carta e foi para a varanda. Encontrou Henrique, e ambos ficaram se olhando enquanto ainda se ouvia Mocinha)*

MOCINHA – *(Depois de um tempo em silêncio)* Foram trinta e dois anos. Trinta e dois anos de felicidade! Nunca se meteu na minha vida, nem eu na dele! Muito respeito, sempre presentes, delicadezas... se preciso, autoridade. E de dois em dois anos íamos à Europa, sempre no Caparcona.

HENRIQUE – Rodrigo está bem?

CONCEIÇÃO – Henrique, que carta é essa?

HENRIQUE – Tudo que está escrito eu digo e repito.

CONCEIÇÃO – Henrique, nunca pensei...

HENRIQUE – Precisamos conversar sobre o menino. Sou pai, não quero que ele pense...

CONCEIÇÃO – O menino, o menino!

HENRIQUE – Do resto, infelizmente, não há conversa. Não posso permanecer nesta casa. Você e sua mãe me desmoralizaram!

CONCEIÇÃO – Marido a gente não desmoraliza, Henrique.

HENRIQUE – Sua mãe só faltou me chamar de ladrão.

CONCEIÇÃO – Ela não tem papas na língua.

HENRIQUE – Eu quero ver meu filho todos os fins de semana.

CONCEIÇÃO – Você insiste! Mamãe tem razão: você é mesmo muito ingrato!

HENRIQUE – Somente poderei voltar a esta casa com dinheiro na mão, Con-

ceição! Será que você não entende isso?!

CONCEIÇÃO – Ridículo!

HENRIQUE – Preciso salvar meu nome! (*Tempo*) Dinheiro nunca tive, mas sempre tive meu nome. Você viu, muitas vezes. Alguma coisa que se queria comprar, qualquer lugar que se entrasse... meu nome vale!

CONCEIÇÃO – Você está querendo fazer comigo o que Orlando fez com Maria Augusta! Você avalia o que é isto?

HENRIQUE – Eu casei com você por amor...

CONCEIÇÃO – Não quero entrar nesse assunto...

HENRIQUE – E sempre te satisfiz como marido...

CONCEIÇÃO – ...porque falar nisso?

HENRIQUE – ...e se cometi algum desliz financeiro...

CONCEIÇÃO – Eu fazia outra idéia, Henrique, quando casei!

HENRIQUE – Você permite que eu veja Rodrigo nos fins de semana?

CONCEIÇÃO – Nem morta! Se passar do portão desta casa, me considere sua inimiga!

HENRIQUE – Conceição, calma...

CONCEIÇÃO – Rodrigo é meu! E depois, se você arranja outra? Vou deixar meu filho com outra?

HENRIQUE – Me respeite, Conceição!

CONCEIÇÃO – Meu pai nunca levantou a mão para mim, não pense que vai ser você...

HENRIQUE – Conceição, ponha a mão na consciência. Não posso ficar e não posso ser um pai que abandona...

CONCEIÇÃO – Se eu não soubesse que papai queria tanto um neto, um homem...sim, porque de todos os netos, Rodriguinho sempre foi o preferido de papai! E se ele não tivesse morrido, você ia ver, Rodriguinho estava feito! Se papai não quisesse tanto, eu não tinha tido, você sabe disso muito bem. Mas Onofre já tinha tido, Cristina já tinha tido, era minha vez! Ele tirava mamãe da cama para Rodriguinho dormir lá! Dava corda na Nossa Senhora de Lurdes e ficava cantando com o menino, ensinando ele a rezar... Ah, Henrique! Você tinha de ser agradecido a isso o resto da sua vida!

HENRIQUE – Mas eu sou, Conceição, sou...

CONCEIÇÃO – Então vamos esquecer tudo isso... entrar e assistir o Lacerda com mamãe!

HENRIQUE – Eu não tenho cara, Conceição.

MOCINHA – Cara a gente arranja, Henrique, deixa de bobagem.

CONCEIÇÃO – Mamãe!

MOCINHA – Eu estava ali atrás da porta, escutando. Não gosto disso, mas quando é preciso...

CONCEIÇÃO – Mamãe, Henrique...

MOCINHA – Não se preocupe. Fique calma que de modo algum eu vou permitir esta separação. Tinha cabimento.

HENRIQUE – É que eu, Dona Mocinha, minha honra.

MOCINHA – Está fazendo tempestade em copo d'água Henrique, isso é o que você está fazendo! Me irrita! Tal pai, tal filho, Conceição! Primeiro o menino com a cachorra, agora o pai com a honra. O que está em jogo são dois apartamentos do Andaraí. É isso. Ou foram mais de dois?

HENRIQUE – Dois.

MOCINHA – Então. Vai ver que os terrenos do Leblon afinal são até bom negócio. Claro que não para morar, que aquilo lá é o fim do mundo, mas há gosto para tudo. Eu perguntei ao Pinheiro o que que ele acha do Leblon...

CONCEIÇÃO – Mamãe, ele não é da família...

MOCINHA – Perguntei por perguntar. Ele disse que provavelmente é bom negócio. Então eu contei que eu tinha mandado Henrique vender uns apartamentos do Andaraí e comprar terrenos no Leblon. Eu. Que a família não sabia mas que o negócio já estava até feito. Porque assim fica tudo resolvido: honra, tudo. Desde que naturalmente se conte a mesma estória para Onofre e Cristina e todos. Um pouco de diplomacia.

CONCEIÇÃO – Obrigado, mamãe.

MOCINHA – O Pinheiro chegou a me dar parabéns, disse que eu tenho muito tirocínio para os negócios. Eu ri muito... porque de negócios não entendo, era com José. Mas agora vou ter de entender, parece. E se der mesmo tal lucro, Henrique, você tira uma comissão, viu? Como se faz. Dois por cento, o Pinheiro disse que é praxe.

HENRIQUE – Dona Mocinha, não pelo dinheiro que...

MOCINHA – Eu sei que o dinheiro não é tudo, embora seja a parte principal. Eu sei que vocês estão sentindo falta de liberdade aqui dentro de casa. Conceição, amanhã você providencia a mudança, e vocês mudam para o meu quarto da frente, que é maior e tem quarto de vestir. Eu tiro minhas coisas e vocês ficam com mais conforto, se quiserem podem até botar Rodrigo para dormir no quarto de vestir. E então?

HENRIQUE – Peço perdão, Dona Mocinha, porém minha decisão é irrevogável.

MOCINHA – Que decisão?

HENRIQUE – A de... ir embora desta casa! Não por isso nem por aquilo, mas... nem pela senhora, nem por Conceição... Porém sei que não sou mais respeitado aqui. Não quero que, no futuro, meu filho pense em mim como um homem que não era respeitado. Peço-lhe perdão por dizer isso, mas esta casa não é

minha, Dona Mocinha! Nem meu filho... é meu, como se eu não tivesse direito.

MOCINHA – Conceição, a carta. Quero ler a carta! Sim, minha filha. Porque se estou oferecendo uma solução perfeita, com toda boa vontade, e seu marido não aceita, é porque tem alguma coisa nesta carta que eu não estou sabendo.

HENRIQUE – É uma coisa... particular, Dona Mocinha...

MOCINHA – (*Pegando a carta*) Tenho direito de tomar conhecimento daquilo que influencia a vida de minha filha. Afinal, Conceição ainda mora comigo. (*Senta para ler*) Acho que meus óculos ficaram em cima da cômoda da sala. Mas estão péssimos, preciso ir urgente a um oculista. Para jogar ainda dá, mas para ler... A um outro oculista, que aquele doutor Vander não acerta comigo e eu ouvi dizer que é judeu. Você acha, Conceição, que ele é judeu?

CONCEIÇÃO – A senhora quer que eu vá buscar o óculos?

MOCINHA – Precisa não. (*Entrega a Henrique*) Henrique mesmo lê. Mas por favor não me pule trechos, Henrique! Quero tudo!

HENRIQUE – “Conceição. Você jamais perdoará a minha atitude. Eu também jamais me perdorei. Porém quando você tiver recebido esta carta... Eu já

estarei muito longe daqui. Na casa de sua mãe já não há lugar para mim.

MOCINHA – Que exagero, Henrique!

HENRIQUE – ...em nome do compromisso que tomei com você, perante Deus e a sociedade, e também perante seu pai e em particular por causa do nosso filho Rodrigo... Tenho sofrido as maiores humilhações da parte de Dona Mocinha. Nós temos sofrido. Somos tratados como ... intrusos na casa, a ponto de nunca termos tido permissão para sequer convidar um amigo para jantar, ou para uma visita social.

MOCINHA – Eu sabia que vinha isso...

HENRIQUE – ...além de toda uma série de liberdades normais que não vale a...

MOCINHA – Eu sou uma viúva, Henrique, não posso...

HENRIQUE – ...sou de origem humilde e me casei com uma moça rica. Talvez não tenha sequer o direito de desejar mais nada. No entanto, desejo! Desejo ter de volta minha dignidade de homem, porque a dignidade é a única coisa que resta a quem nasce sem dinheiro.

MOCINHA – Bonito isso. Forte, mas bonito. Mas por que motivo deseja separar-se de Conceição? Por enquanto não há motivo! Se é outra mulher diga logo.

HENRIQUE – ...assim sendo abandono esta casa, evitando que, no futuro, a ver-

gonha...” (*Larga a carta*) Tenho de ir embora, Dona Mocinha!

MOCINHA – Não entendo! (*Pega a carta da mão de Henrique*) E logo hoje, no aniversário de morte de José! Deixa que eu leio sem óculos mesmo, você deve estar escondendo alguma coisa. Onde estamos? Ah, sim... “Minha honra foi posta em dúvida...meu Deus, Henrique, como você repete este disco!... Quanto a seu comportamento como esposa nada tenho a reclamar... Adeus. (*Conceição volta com os óculos*)

MOCINHA – Ainda bem... (*Bota os óculos*) “Porque ainda tem uma coisinha... gostaria de te dizer isso pessoalmente, mas não tenho coragem. Sou um covarde, Henrique”. É. (*Conceição e Henrique acabam chorando. Mocinha volta para a cadeira e rasga a carta*)

MOCINHA – Calma, Henrique, Calma. (*Para Conceição*) Só assim você chorava, minha filha! Me lembro de poucas vezes ter visto você chorar. É como eu, também não choro nunca. Chorei muito quando José morreu. Mas em casa, porque no velório não derramei uma lágrima. Olhava para ele no caixão e pensava: “Mocinha, aquele é o homem com quem você viveu trinta e dois anos, de quem teve quatro filhos. Você devia estar chorando”. E os olhos secos! Quanto mais eu pensava, mais secos ficavam os olhos. Nem lembro

qual foi a última vez que eu chorei! ... E talvez eu nunca chore. A não ser que... Senta, gente. Não gosto de ver gente em pé! Tanta cadeira... Vamos resolver esta situação, que está quase na hora do Lacerda. (*Eles obedecem*) A minha mãezinha ficou dois dias em coma! Era mulher muito forte, morreu com 88. Não morreu, Conceição, com 86?

CONCEIÇÃO – Oitenta e cinco mamãe.

MOCINHA – Mas estava calma. Respirava pouco, mas estava calma. Então aquele médico resolveu botar a tenda de oxigênio e aí... Ela começou a chorar! Já estava dias sem conhecer ninguém, sem se mover, só respirando fraquinho... E aí começou a chorar! Chorava! E nós todos muito aflitos, discutindo se não era melhor tirar a tenda e deixar morrer mais depressa! Ou deixar a tenda... E ela ali, chorando! Fui eu que decidi. Mandei tirar. Tive pena de ver mamãe chorando assim, como uma criança. Mandei tirar. Tenho horror de pensar que pode acontecer a mesma coisa comigo. (*Tempo*) Acende a luz, Conceição! Está muito escuro este jardim. O que é isso? Economia?! (*Conceição obedece*) Então, Henrique meu filho: vamos esquecer tudo isso? Marido não briga com mulher. Eu não briguei nunca com José. (*Lembrando*) Permitir visita de gente que eu não conheço, isso eu não

posso, mas me dizendo quem é, com antecedência... Eu fico no quarto. Não apareço. (*Tempo*) E então?

HENRIQUE – Eu vou pensar, dona Mocinha.

MOCINHA – Ótimo. Se vai pensar é porque já está resolvido. Pronto. Pronto, Conceição! E já não era sem tempo... (*Olha o relógio*) Deus meu, são quase nove horas, o Lacerda deve estar entrando no ar! (*Levanta*) Hoje não podemos perder de jeito nenhum, ele vai responder ao chefe de polícia. Que coragem daquele homem! Vocês vêm assistir, ou não? (*Henrique e Conceição se entrelaçam*) Está bem, está bem. Precisam conversar, eu compreendo. Apesar de que certas coisas, conversar é pior. Vou acordar Orlando que ele também quer ver o Lacerda. Pinheiro já está na televisão, rente feito pão quente, pronto para falar mal... Isso é a única coisa que eu não perdôo no Pinheiro. (*Saindo*) Juízo, hem! Vou mandar investigar os preços dos terrenos no Leblon... A procuração por enquanto deixa como está... (*Sai*)

HENRIQUE – Conceição, eu...

CONCEIÇÃO – Logo hoje, Henrique, no aniversário de morte de papai...

HENRIQUE – Nós vamos levar uma vida nova dentro desta casa, você vai ver! Vamos impor nossa presença! Vou falar

com Dona Mocinha para te dar a sala dos fundos, para você fazer seu ateliê de costura. Você gosta tanto de costurar.

CONCEIÇÃO – Mamãe morre de ciúmes daquela sala dos fundos. Onde é que ela vai botar a mesa?

HENRIQUE – Esta casa é tão grande...

CONCEIÇÃO – Que é isso, Henrique? Aqui não...

HENRIQUE – Por que não? Somos casados...

CONCEIÇÃO – Aqui não. Tinha cabimento.

HENRIQUE – Quando eu te conheci... Quando te vi pela primeira vez na casa dos Barbosa... Eu te achei tão bonita!

CONCEIÇÃO – Bonita não sou não, Henrique. Que conversa é essa?

HENRIQUE – Eu achei bonita. E quando eu soube... Quando me contaram que tinha havido um namoro, que você tinha gostado de Baroni...que você tinha gostado dele, que tinham sido quase noivos e que depois, da noite para o dia, ele se casou com outra!...

CONCEIÇÃO – Não sabia que você sabia de tudo isso!

HENRIQUE – ... Eu sempre soube, era assunto conhecido. Mas eu não quis nunca comentar.

CONCEIÇÃO – E por que comenta agora?

HENRIQUE – Porque é uma coisa que me ficou atravessada na garganta. Quando eu vi você na festa dos Barbosa... Seu ar

resoluto, a cabeça erguida, falando rindo... E sabendo que o Baroni tinha se casado com outra nas vésperas... eu pensei: “Ela é forte. Como ela é forte, esta mulher”.

CONCEIÇÃO – Sempre me refiz muito depressa das coisas.

HENRIQUE – Então nós dançamos, e eu perguntei se podia vir te visitar, e você me apresentou a seu pai, e... (*Tenta beijá-la*)

CONCEIÇÃO – Aqui não, Henrique!

HENRIQUE – Então vamos para o quarto.

CONCEIÇÃO – Então vamos. (*Vão para o quarto. Lá chegando, se beijam*) Rodrigo está na nossa cama. (*Rodrigo dorme*) A temperatura está boa. Põe ele na cama dele, sem acordar.

(*Henrique obedece. Depois, ambos começam a tirar a roupa*)

HENRIQUE – E durante muito tempo eu pensei... Será? Será? Que ela só me aceitou... Para se vingar do Baroni?

CONCEIÇÃO – Que bobagem. Por favor, não vamos nunca mais falar nisso. Por acaso alguma vez deixei de cumprir minha obrigação?

HENRIQUE – Você está pronta?

CONCEIÇÃO – Estou.

HENRIQUE – Posso apagar a luz?

CONCEIÇÃO – Pode. (*Henrique apaga o abajur e ambos se deitam. Sons, respi-*

ração etc) Mas hoje ainda não é quinta-feira. Nós só podemos na quinta-feira...

HENRIQUE – Fica quieta, Conceição. Quieta. Que afinal eu sou homem e não tenho mulher na rua.

CONCEIÇÃO – Não...

HENRIQUE – Abre as pernas.

CONCEIÇÃO – Não posso, você sabe que nós não podemos! Você vai querer ter outro filho, vai?

HENRIQUE – Você sabe que por mim eu tinha.

CONCEIÇÃO – Isso é que não, Henrique! Um chega e basta, eu é que sei! Não Henrique, sai, eu já disse...

HENRIQUE – Então vira.

CONCEIÇÃO – Não, por favor... dói... Eu não gosto...

HENRIQUE – Fica quieta.

CONCEIÇÃO – Devagar. E põe a vaselina, põe. Está na gaveta da cabeceira. (*Ele bota vaselina*)

HENRIQUE – Fica quieta, senão dói mais.

CONCEIÇÃO – Vou ficar. (*O ato se realiza. As luzes recaem sobre a varanda. Mas antes mostram a sala onde Mocinha, Pinheiro, Orlando e Ricardo vêem Lacerda*)

MOCINHA – Muito bem! Que inteligência!

ORLANDO – Se ele continua assim, acaba derrubando o Getúlio.

PINHEIRO – Que nada. O baixinho não cai assim tão fácil.

ORLANDO – Vamos ver...

RICARDO – Mas afinal o que que ele quer, pai? Quer que prenda quem?

ORLANDO – Isso não é coisa para criança entender. Política.

RICARDO – Ah, pai! Custa explicar? Senão fica chato...

MOCINHA – Vocês podiam calar essas bocas, pelo amor de Deus! A única coisa na televisão que me distrai, e vocês ficam falando? E põe esse menino pra fora que isso não são horas de criança! *(As luzes reduzem-se à varanda. Surge Rodrigo e por trás dele Ricardo, envolto numa fantasia sinistra de carnaval. Ricardo salta sobre Rodrigo, rolam pelo chão)*

RODRIGO – Me larga! Pára! Detesto susto!

RICARDO – *(Montando)* Você leva um susto engraçado...

RODRIGO – Sai de cima de mim.

RICARDO – Achei esta fantasia no galpão. É tua, não é? De carnaval? É Zorro, não é? Você me empresta?

RODRIGO – Sai de cima de mim senão eu vou gritar.

RICARDO – Não vai não... Quer ver como eu tampo tua boca? *(E tampa. Os dois lutam, Rodrigo consegue se libertar)*. Vamos até o galpão? Quem sabe o Manoel e a Iracema não estão lá fazendo sacanagem... Sabe que ela me mostrou

os peitos dela? Eu dei um dinheiro, ela abriu a roupa e me mostrou os peitos...

RODRIGO – Quero ir não. Minha mãe? Está na televisão?

RICARDO – Só vovó e papai. Tia Conceição deve ter ido dormir. Eu vi quando eles trancaram o quarto. Ela e teu pai...

RODRIGO – Eu vou para dentro.

RICARDO – Fazer o que? Vovó não quer criança vendo televisão.

RODRIGO – Eu estava dormindo. Acordei... E aí me deu insônia.

RICARDO – Não quer jogar xadrez?

RODRIGO – Quero.

RICARDO – Eu não sei jogar!

RODRIGO – *(Pegando o tabuleiro)* Eu ensino!

RICARDO – Eu sei jogar e muito bem! Estava mentindo que não sei jogar. Mas não quero jogar aqui não. Vamos jogar no galpão.

RODRIGO – Então não.

RICARDO – Seu Manoel e Iracema não estão lá não. Juro. Estão na cozinha, eu vi. Pode ir ver. E eu não vou sacanear não, juro. Só quero ir no galpão que lá tem uns brinquedos que eu não conheço. Tem batalha naval lá? A gente pode até jogar batalha naval.

RODRIGO – Mamãe não deixa ir no galpão de noite.

RICARDO – Vamos lá apanhar a batalha naval, depois a gente volta. É só um

instante. Não vou sacanear não. Se eu sacanear você foge, pronto.

RODRIGO – Vou avisar mamãe que a gente vai lá.

RICARDO – Tá maluco, rapaz? Não te disse que titia tá dormindo? Quer dizer, se fechou no quarto... Vai ver que está lá trepando com teu pai... Você quer atrapalhar? Será que eles trepam, teu pai e tua mãe?

RODRIGO – Não me interessa.

RICARDO – Se não trepassem você não tinha nascido. Vamos?

RODRIGO – A gente pega os brinquedos que quiser e traz. Está bem?

RICARDO – Tá. Lá a gente resolve. Me dá tua mão. Que você é pequeno, pode tropeçar.

(Somem no escuro. A cena fica vazia. Ouve-se a voz de Lacerda prevendo o futuro glorioso do país, caso sejam vencidos os verdadeiros inimigos. Tema musical poderoso, que iniciou a peça. As luzes vão se apagando lentamente, como se tudo se perdesse para sempre no passado).

FIM

Textos à disposição dos leitores na Secretaria d'O TABLADO

Anouilh, J. - *O Baile dos Ladrões*, comédia, 1 ato, 17 personagens (4 fe. e 13 ma.), n^o 134.

Aumillier, R. - *O Tigre, o Homem e o Rato*, fábula cômica, 1 ato, 3 personagens ma., n^o 142.

Azevedo, A. - *Teatro a Vapor*, comédia, 31 sketches, 100 personagens (33 fe. e 67 ma.) e figurantes, n^o 140.

Beckett, S. - *Coisas e Loisas*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 2 personagens ma. e 1 figurante, n^o 115; *Todos os que Caem*, peça radiofônica, Teatro do Absurdo, 1 ato, 11 personagens (4 fe. e 7 ma.), n^o 121.

Bethencourt, J. - *Planejamento Familiar - A Solução Brasileira*, comédia, 1 ato, 3 personagens (1 fe. e 2 ma.), n^o 109.

Bradford, B. - *Ensaio*, comédia dramática, 1 ato, 1 personagem ma., no 126.

Brecht, B. - *A Expulsão do Demônio*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 fe. e 2 ma.), n^o 109; *A Mulher Judia*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), n^o 119.

Buzzati, D. - *Aquele Instante*, Teatro do Absurdo, 9 sketches, 38 personagens (13 fe. e 25 ma.), n^o 122.

Chekov, A. - *Sobre os Males que o Fumo Produz*, comédia dramática, 1 ato, monólogo, 1 personagem ma., n^o 128.

Cocteau, J. - *A Voz Humana*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.); *O Mentiroso*, drama, 1 ato, 1 personagem ma., n^o 126; *O Belo Indiferente*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), n^o 140.

Collier, J. - *Poção*, comédia, 1 ato, 2 personagens ma., n^o 114.

Coutinho, P. C. - *Um Piano à Luz da Lua*, drama, 2 atos, 9 personagens (4 fe. e 5 ma.), n^o 141.

Dostoievski, F. - *O Grande Inquisidor*, drama, 1 ato, 2 personagens ma., n^o 114.

Eurípedes - *Tróia*, drama, 1 ato, 6 personagens (5 fe. e 1 ma.), n^o 139.

Ferráz, B. - *Poleiro dos Anjos*, comédia, 1 ato, 13 personagens (6 fe. e 7 ma.), n^o 146.

Fonseca, R. - *H. M.. S. Cormorant em Paranaguá*, drama, 1 ato, 9 personagens (2 fe. e 7 ma.) e figurantes, n^o 128; *Lúcia McCartney*, drama, 1 ato, 12 personagens (7 fe. e 5 ma.) e figurantes, n^o 145.

Foreman, R. - *Minha Cabeça era uma Marreta*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 3 personagens (1 fe. e 2 ma.).

França Jr. - *Como se Fazia um Deputado*, comédia, 3 atos, 15 personagens (2 fe. e 13 ma.) e figurantes, n^o 136.

Fucs, R. - *A Dentista e seu Paciente*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1

fe. e 1 ma.); *Amor, Sexo e Esclerose*, comédia, 1 ato, 3 personagens (1 fe. e 2 ma.), n^o 132.

Gibson, W. - *Dois na Gangorra*, drama, 2 atos, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), n^o 123.

Gogol - *O Matrimônio*, comédia, 2 atos, 15 personagens (6 fe. e 9 ma.), n^o 112; *O Inspetor Geral*, comédia, 1 ato, 18 personagens (4 fe. e 14 ma.), n^o 135.

Guerdon, D. - *A Lavanderia*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 fe. e 3 ma.), n^{os} 110 / 111.

Hasec, J. - *O Bravo Soldado Schweik*, comédia, 1 ato, 38 personagens (7 fe. e 31 ma.), n^o 142.

Hofstetter, R. - *Pirandello Nunca Mais*, comédia, 1 ato, 5 personagens (1 fe. e 4 ma.), n^o 137.

Homero. - *A Odisséia*, drama heróico, 3 atos, 67 personagens (11 fe. e 56 ma.) e figurantes, n^o 116.

Inge, W. - *Tarde Chuvosa*, drama, 1 ato, 3 personagens (2 fe. e 1 ma.), n^o 117.

Jablonski, B. - *A Claudinha Está Lá Fora*, comédia, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), n^o 131.

Kartun, M. - *A Casa dos Velhos*, comédia dramática, 1 ato, 7 personagens (4 fe. e 3 ma.), n^o 114.

Lorde, A. - *O Sistema do Doutor Goudron e do Professor Plume*, drama, 1 ato, 11 personagens (2 fe. e 9 ma.), nº 112.

Machado, M. C. - *Sketches*, comédia, 57 personagens (44 fe. e 13 ma.), nº 131.

Maeterlinck, M. - *Interior*, drama, 1 ato, 9 personagens (4 fe. e 5 ma.) e figurantes, nº 119.

Mahieu, R. - *Jogos na Hora da Sesta*, drama, 1 ato, 8 personagens (3 fe. e 5 ma.), nº 147.

Marivaux. - *O Jogo do Amor e do Acaso*, comédia, 3 atos, 7 personagens (2 fe. e 5 ma.), nº 127.

Marx, G. - *Seleção de Sketches Cômicos*, 4 personagens (1 fe. e 3 ma.), nº 113; *Lição de Etiqueta*, comédia, 1 ato, 1 ator, nº 116.

Molière. - *Médico à Força*, comédia, 3 atos, 11 personagens (3 fe. e 8 ma.), nº 108.

Müller, H. - *O Pai*, drama, 1 ato, 1 ator; *Libertação de Prometeu*, drama, 1 ato, 1 ator, nº 147.

Musset, A. - *Fantasio*, comédia, 2 atos, 10 personagens (8 ma. e 2 fe.) e outros, nº 104.

Navarro, A. R. - *O Ser Sepulto*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 fe. e 3 ma.), nº 114.

Nunes, A. - *Geração Trianon*, comédia, 2 atos, 28 personagens (9 fe. e 19 ma.), nº 117.

O'Casey, S. - *Uma Libra em Dinheiro Vivo*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 fe. e 3 ma.), no 124.

Oliveira, D. - *O Triunfo da Razão*, sátira, 1 ato, 21 cenas, grande elenco, nº 99.

Patrick, R. - *Renda de Amor*, comédia dramática, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), nº 113.

Pereira, V. - *Colar de Diamantes*, tragicomédia, 2 atos, 4 personagens (3 fe. e 1 ma.), nº 133.

Pinter, H. - *Seleção de Sketches*, Teatro do Absurdo, 15 personagens (6 fe. e 9 ma.), nº 120.

Pirandelo, L. - *Belavida*, comédia, 1 ato, 6 personagens (5 ma. e 1 fe.), nº 99.

Plauto. - *Os Menecmos*, comédia, 5 atos, 9 personagens (3 fe. e 6 ma.) e figurantes, nº 111.

Renard, J. - *Pega Fogo*, drama, 1 ato, 4 personagens (2 fe. e 2 ma.), no 109.

Rio, J. do. - *Clotilde*, drama, 1 ato, 3 personagens (1 fe. e 2 ma.); *Encontro*, drama, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.) e *Que Pena Ser Só Ladrão*, farsa, 1 ato, 2 personagens (1 fe. e 1 ma.), nº 143.

Santiago, T. - *O Auto do Rei*, Teatro Épico, 1 ato, 12 personagens (1 fe. e 11 ma.), nº 106.

Sayão, W. - *Uma Casa Brasileira Com Certeza*, comédia, 1 ato, 6 personagens (3 fe. e 3 ma.), nº 129; *Anônima*, drama, 1 ato, 7 personagens (4 ma. e 3 fe.), nº 152.

Semprun, M. C. - *O Homem Deitado*, drama, 1 ato, 7 personagens (2 fe. e 5 ma.), nº 144.

Shakespeare, W. - *Macbeth*, tragédia, 5 atos, 30 personagens (6 fe. e 24 ma.) e figurantes, nº 115.

Shaw, G. B. - *As Armas e o Homem*, comédia, 3 atos, 9 personagens (3 fe. e 6 ma.) e figurantes, nº 148.

Tardieu, J. - *Uma Peça Por Outra*, Teatro do Absurdo, 2 atos, 42 personagens (15 fe. e 27 ma.), no 118; *Quem Vem Lá ?*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 5 personagens (2 fe. e 3 ma.), no 148.

Valentim, K. - *Seleção de Sketches Cômicos*, 25 personagens (8 fe. e 17 ma.), nº 113; *O Pé de Árvore de Natal*, comédia, 1 ato, 5 personagens (2 fe. e 3 ma.) e figurantes, nº 118.

Vian, B. - *Cinemassacre*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 54 personagens (9 fe. e 45 ma.) e figurantes; *Olhar Cruzado*, Teatro do Absurdo, 1 ato, 6 personagens (1 fe. e 5 ma.) nº 130.

Vianna F^o, O. - *O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem*, comédia, 1 ato, 11 personagens (4 fe. e 7 ma.), nº 138.

Vicente, J. - *Hoje é Dia de Rock*, saga lírica, 1 ato, 13 personagens (6 fe. e 7 ma.), nº 119.

Wilder, T. - *Infância*, comédia, 1 ato, 5 personagens (3 fe. e 2 ma.), nº 121.

Wojtyla, K. - *A Loja do Ourives*, drama, 3 atos, 6 personagens (3 ma. e 3 fe.), nº 125.

ATIVIDADES D'O TABLADO:

CURSOS DE IMPROVISAÇÃO:

andrea fernandes

aracy m. mourthé

bernardo jablonski

bía junqueira

cico caseira

dina moscovici

fernando becky

guida vianna

isabella secchin

joão brandão

lionel fischer

luiz carlos tourinho

luiz octávio de Moraes

maria clara machado

maria clara mourthé

maria vorhees

ricardo kosovski

thais balloni

Agradecemos a colaboração do Curso de Tradução do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O TABLADO mediante pagamento com cheque, em nome de Eddy Rezende Nunes - O TABLADO, pagável no Rio de Janeiro. Em caso de vale postal, o mesmo deverá ser remetido à agência dos correios do Jardim Botânico-RJ, sempre em nome de Eddy Cintra de Rezende Nunes. Números atrasados podem ser adquiridos da mesma forma, pelo preço atual.

PUBLICAÇÃO:

REVISTA "CADERNOS DE TEATRO"

assinatura (4 n°s) R\$ 20,00

Composto e impresso pela
GRÁFICA EDITORA DO LIVRO LTDA.